



EDUCATIVO  
INSTITUTO FIGUEIREDO FERRAZ  
2019

NITSCHÉ, Marcelo (1942 - 2017)

sem título, 1982

látex sobre pvc

69 x 56 cm.

Relatório de atividades do Programa  
Educativo do Instituto Figueiredo Ferraz  
**2019**

Finalizamos mais um ano de trabalho com o nosso Programa Educativo, chegando a 27.950 pessoas atendidas entre estudantes, professores, grupos de universitários e profissionais de diversas áreas, que puderam visitar as exposições do IFF junto da equipe de arte-educadores. Este número é extremamente significativo para nós, resultante de sete anos de trabalho, sempre realizado com muito carinho e sensibilidade, a fim de proporcionar ao público de Ribeirão Preto e região o acesso à arte contemporânea brasileira, de forma democrática. Temos muito orgulho em participar na formação de jovens com uma visão mais poética e crítica, compartilhando momentos de apreciação e reflexão proporcionados pelo contato com a arte.

Agradeço ao grupo Tereos por possibilitar a realização do Programa Educativo do Instituto Figueiredo Ferraz.

**Dulce Figueiredo Ferraz**



A importância do IFF para a arte brasileira contemporânea está em sua abrangência e singularidade. O acervo combinado com uma vocação claramente social e educativa representam uma oportunidade para todos nós conhecermos uma história da arte, em especial da pintura e escultura recente de nosso país, que possivelmente em nenhum outro lugar poderia ser melhor contada. Trata-se ainda de um conjunto de obras que foi escolhido pelo olhar de um colecionador com uma afinidade rara com os artistas e com o contexto da arte também por ter sido, ele mesmo, um artista plástico.

**Rafael Vogt Maia Rosa**  
Curador da exposição **Abertura 1980**

## DO IFF PARA O PÚBLICO DE RIBEIRÃO PRETO E ALÉM

O Instituto Figueiredo Ferraz é um espaço concebido por João Carlos de Figueiredo Ferraz para a difusão de arte e cultura. Localizado em Ribeirão Preto, São Paulo, o IFF abriu ao público em 2011 e já recebeu, desde então, mais de **48 mil visitantes**, graças ao Educativo IFF, que mantém parcerias com escolas públicas e privadas da região, além de faculdades e instituições diversas.

Desde 2011, o IFF realizou seis grandes exposições e vinte e três mostras temporárias de artistas e coleções brasileiras. A cada ano, convidamos um curador diferente para pensar a coleção Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz, abrigada pelo IFF. Entre as mostras apresentadas ao longo de sua existência, o IFF contou com curadorias de Agnaldo Farias, Cauê Alves, Daniela Bousso, Paulo Venâncio e Maria Alice Milliet.

Com entrada franca para todos, o IFF produz e distribui gratuitamente folders sobre as exposições, sempre com textos escritos por jovens e renomados críticos. Também, são gravados documentários com artistas e curadores, disponibilizados gratuitamente no site da instituição.

Em 2019, o IFF apresentou a exposição **Abertura 1980**, com curadoria de Rafael Vogt Maia Rosa, reunindo mais de 150 obras realizadas entre 1970 e 1992, todas pertencentes à coleção Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz, acompanhada por uma série de retratos de artistas realizados nos anos 80 pelo fotógrafo Pablo Di Giulio e uma ampla documentação de revistas, catálogos e livros da época, todos pertencentes à Biblioteca do IFF.

Além desta grande exposição, foram realizadas quatro mostras temporárias com obras de importantes artistas brasileiros de três gerações diferentes: **Quanto mais vejo mais invento o que desejo: Fernando Lemos e Hilda Hilst**, série de fotografias surrealistas e de retratos realizados por Lemos da notável escritora e cronista brasileira sob a curadoria do fotógrafo Pablo Di Giulio, acompanhada de debate sobre a obra de Hilst; **Marina Saleme: REAL**: ocasião em que apresentamos o trabalho recente da artista surgida nos anos 80 e conhecida por suas belas pinturas, cujo folder contou com texto de Paulo Miyada; **Fabricio Lopez: Corte estranho, impressão abjeta**, reunindo cerca de 20 gravuras e matrizes de grandes dimensões e amplos gestos, realizadas pelo jovem artista santista nos últimos anos, com texto de Priscila Sacchettin e **Flávia Ribeiro: Uma Circunstância**, notável artista e representante da Geração 80 e que continua atuante como desenhista, gravadora e escultora, realizou uma mostra com obras recentes e texto de Henrique P. Xavier.

O compromisso do IFF é proporcionar a todos a oportunidade de conhecer a produção artística brasileira atual por meio de mostras, debates e visitas guiadas, onde o visitante é convidado a participar, sempre de forma lúdica, de todas as atividades. Da mesma forma, o site da instituição oferece ampla divulgação e conteúdo sobre a produção artística apresentada e debatida em seu edifício.

Agradecemos a todos os estudantes e professores visitantes, razão pela qual o IFF foi criado, e às empresas que colaboraram para a realização de nossas atividades.

**Rejane Cintrão**

Coordenadora do Instituto Figueiredo Ferraz

Textos:  
**Vera Barros**  
**Caroline Heldes**  
**Gil Neto**  
**Ingrid Ostan**  
**Juliano Bernardo**

Organização e Projeto Gráfico:  
**Caroline Heldes**

# Índice



10 / Apresentação

15 / Sobre o Educativo

27 / Exercícios de Arte

33 / Projetos Autorais

47 / Diversidade de Público

60 / Parcerias

72 / Conversas sobre Arte



## APRESENTAÇÃO

Implantei o programa educativo a convite do João Carlos de Figueiredo Ferraz em 2013, tanto conceitualmente como com todos os seus procedimentos, especialmente para a Coleção IFF. Diferentes equipes de arte-educadores, ao longo dos anos, contribuíram e contribuem hoje com suas pesquisas e ideias. Foram realizadas parcerias com as redes públicas de ensino, particulares, assim como as universidades públicas e privadas, o Sistema S entre outras instituições.

A exposição Abertura 1980 apresentou a gênese da Coleção, Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz, em retrospectiva histórica e sua contínua construção desde 1985. Mas, especialmente, possibilitou nos darmos conta da expertise, do olhar singular e sensível do João Carlos que expressam seu pensamento livre e sem limites, como o dos artistas, que pensaram coisas que ainda não haviam sido pensadas e produziram indagações estéticas muito importantes. Modelos de produção de bens, de conhecimentos, de atitudes e comportamentos estavam se transformando depois da ditadura militar e com a abertura democrática. Como Rafael Vogt Maia Rosa, curador, relatou: “Esta exposição que acontece neste ano é antológica e digna de ser conhecida porque espelha a experiência estética do colecionador que amplia para o público o pensamento sobre a produção brasileira do século 20.”

Este relatório está estruturado em blocos de pensamentos organizados cuidadosamente pela equipe para exprimir reflexões, críticas e dúvidas, já que as ideias vão e voltam o tempo todo, pulam de um lado para outro durante a experiência pedagógica. Como estamos lidando com uma imensa fragmentação das informações e imagens, o que havia acontecido na história, a proposta que temos trabalhado tem sido tirar partido desta fragmentação para despertar o interesse de todos a interpretar as obras de arte para enxergar além de fatos, por meio de abordagens temáticas e exercícios de arte impregnados de autonomia. Os arte-educadores procuraram colocar cada visitante no papel de detetive, buscando pistas para independentemente construir suas próprias opiniões e critérios de apreciação, para criarem uma conversa cultural. Exploraram a força e a potência da Coleção Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz realizando conexões com a história da arte, a antropologia, sociologia, filosofia e geografia, por exemplo, direta ou indiretamente. Com isso estimularam o público a interpretar também o mundo, esticando o pensamento fora de modelos e padrões convencionais, com foco em suas pesquisas, para despertar a curiosidade intelectual de todos.

Em palestras – encontros que foram oferecidos para professores e coordenadores de diversas áreas de conhecimento da rede pública de ensino –, escolhi abordar temas conectados com o espírito da década de 1980 com questões e desafios ainda muito atuais no século XXI: “Abertura 1980: Panorama e Reflexões” foi uma breve viagem no túnel do tempo da história da arte e especialmente a brasileira até a constituição da Coleção IFF; “Criar é resistir? Criar é uma forma de libertação?”. Foi focada na obra de Edgar Morin (Paris, 1921) antropólogo, filósofo e sociólogo, pai da teoria da complexidade sobre arte e estética. Ele defende a interligação de todos os conhecimentos, combate o reducionismo, valoriza o complexo e ama viver poeticamente. Ele é considerado um dos grandes pensadores sobre a complexidade, nome dado a uma corrente de pensamento



---

que privilegia estudos multidisciplinares para resolução dos problemas; outra palestra-encontro foi “A criatividade é, talvez, o que temos de mais importante como espécie” sobre as reflexões de Marcelo Gleiser (Rio de Janeiro, 1959) físico astrônomo, professor, escritor e roteirista brasileiro, atualmente pesquisador da Faculdade de Dartmouth, na cidade de Hanover, no estado de New Hampshire, nos Estados Unidos. Ele defende a criatividade como manifestação indispensável na vida humana e opina sobre quais são os diferentes contextos em que essa habilidade pode ser estimulada. Diz, satisfeito por ter escolhido seguir um caminho que estimula o olhar afiado sobre novas formas de enxergar a realidade. "Meu trabalho me permite e na verdade até provoca, um estado criativo quase que constante".

Um dos pressupostos e subtextos fundamentais do nosso trabalho tem sido possibilitar aos visitantes que deixem de lado quaisquer preconceitos estéticos ou outros para apreciar a poderosa energia criativa dos artistas da Coleção IFF, que são ao mesmo tempo críticos, inovadores e com raras inteligências criativas. Talvez, para saber o que é conhecimento da arte seja mesmo preciso descobrir e aprender o prazer em conhecer coisas novas em suas produções artísticas.

Muito obrigada.

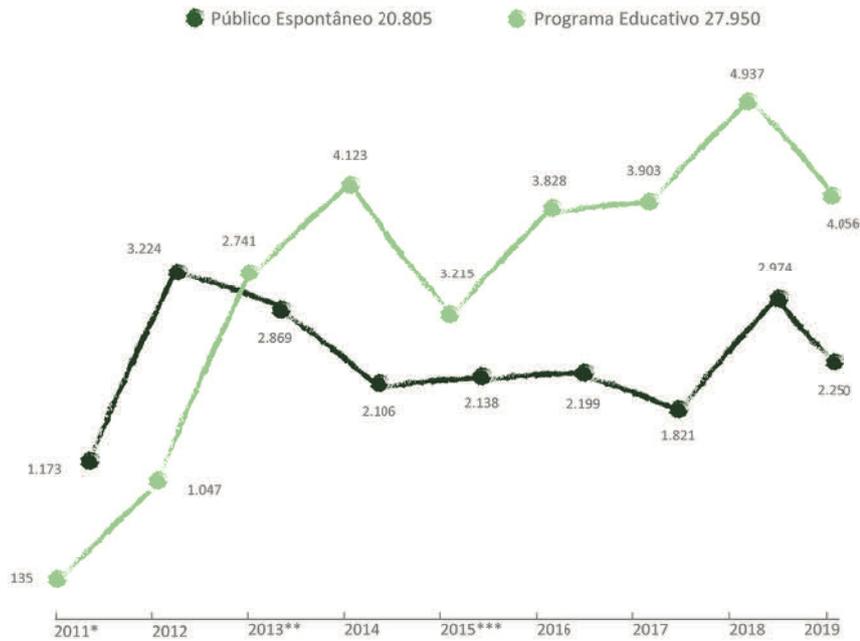
**Vera Barros**  
**Coordenadora do Programa Educativo**

# Nossa Trajetória

Total de

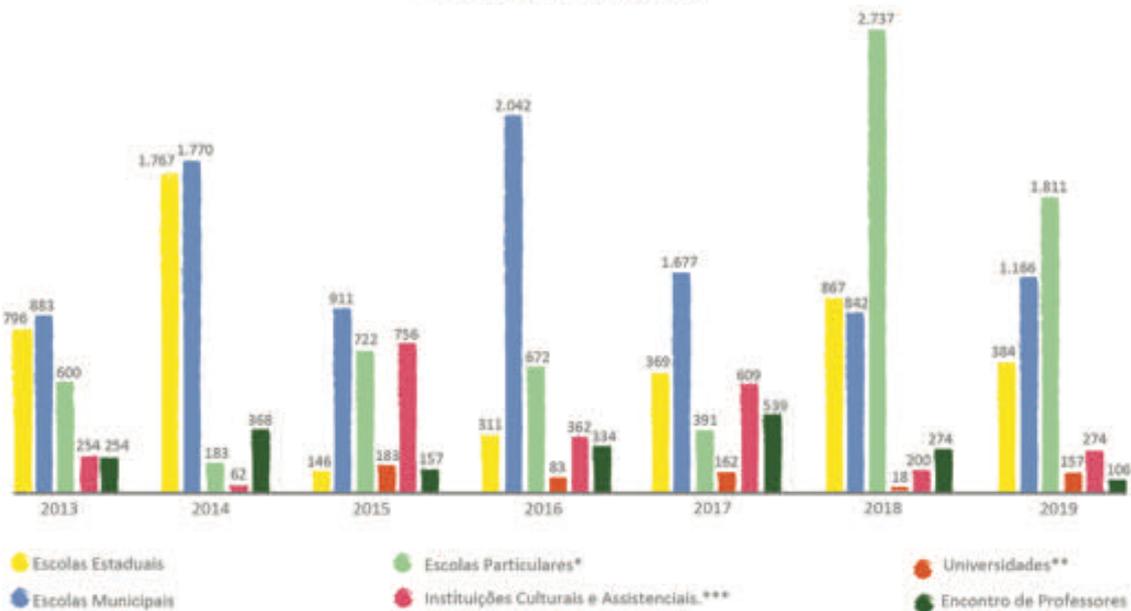
# 48.755

visitantes até 2019



\*O Instituto Figueiredo Ferraz foi inaugurado em Outubro de 2011.    \*\* Ano em que foram iniciadas as parcerias com as Redes Estaduais e Municipais de Educação.  
 \*\*\*Ano em que o Governo do Estado de São Paulo interrompeu a parceria de visitas das escolas da Rede Estadual de Educação.

## HISTÓRICO DE VISITAÇÕES



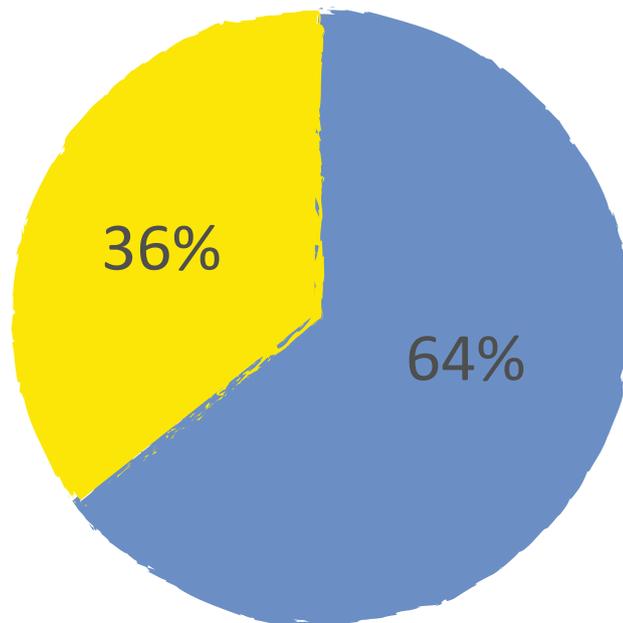
\*Inclui o Sistema S.(Fsec, Sesi e Senac).

\*\* Universidades Públicas e Privadas.

\*\*\*Inclui Empresas e Grupos Independentes.

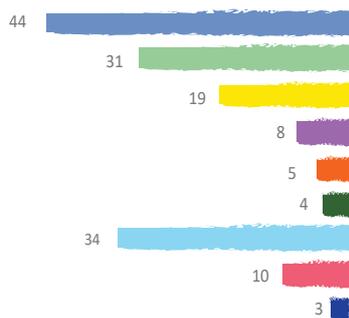
# 6.306

visitantes em 2019



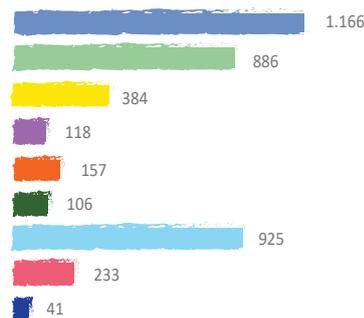
- Program Educativo  
4.056
- Público Espontâneo  
2.250

Número de Visitas Agendadas em 2019



- Escolas Municipais
- Escolas Particulares
- Escolas Estaduais

Número de Visitantes do Programa Educativo em 2019



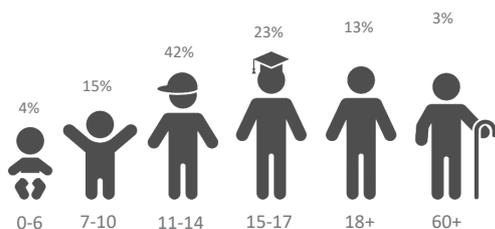
- Profissionais\*\*\*
- Universidades\*\*
- Professores
- Sistema S.\*
- ONG
- Outros

\*Sesi, Senac e Sesc.

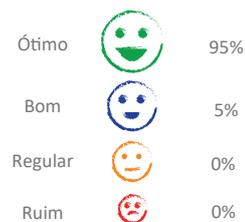
\*\*Inclui todas as universidades.

\*\*\*Profissionais de outras áreas do mercado de trabalho.

PERFIL DE VISITANTES DO PROGRAMA EDUCATIVO EM 2019



OPINIÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS VISITAS DE SEUS ESTUDANTES EM 2019



A ficha de avaliação é um importante documento, preenchido por cada professor que acompanha os estudantes durante o programa de visitaçã agendada.





---

# Sobre o Educativo

Todos os anos são de aprendizado e aprimoramento. Ao chegarmos em nosso sétimo ano de Educativo IFF, com alguns arte-educadores já em seu terceiro ano de atividade, é possível dizer que o Educativo IFF alcançou a maturidade para compartilhar um método inovador, que valoriza os visitantes como protagonistas.

As abordagens e técnicas pedagógicas do Programa Educativo são constantemente renovadas, em uma prática que exige muita pesquisa e liberdade de criação.

Procuramos oferecer as ferramentas necessárias, através das experiências estéticas propostas, para que as interpretações possam atingir a profundidade poética das obras de arte e construir novas formas de pensar. É um trabalho com potencial transformador, o qual temos muito orgulho e alegria em dividir com todos.

**Caroline Heldes**



## Experiências em arte-educação

"A pesquisa é parte fundamental do trabalho para toda a equipe do Educativo. A criação de novas abordagens abarca, não só a busca sobre questões biográficas e conceituais dos artistas e das obras de arte da coleção, mas também sobre técnicas pedagógicas a serem desenvolvidas com cada faixa etária, conceitos de percepção e interpretação e também de relações com as diversas formas de expressão, dentro e fora do campo da arte. Os arte-educadores são convidados a colaborar na criação de novas abordagens e no planejamento de visitas específicas, para as quais, muitas vezes, seleciono referências textuais e sugiro tópicos que acredito serem pertinentes, criando espaços de diálogo.

Meu trabalho tem se voltado para as diferentes formas e possibilidades de realizar as mediações no espaço expositivo, pensando sempre em novas maneiras de desenvolver mecanismos de interpretação em sincronia com o público que, ao



participar da criação de diferentes perspectivas para a obra de arte, pode identificar-se em múltiplos níveis."

### **Caroline Heldes**

"Ser educador nos dias de hoje é, ao meu ver, um trabalho extremamente minucioso, que requer atenção e paciência. Paciência não no sentido da convivência com os estudantes, mas para entender que cada um tem seu próprio tempo de interpretação, que deve ser respeitado para que o conteúdo seja realmente absorvido. Ser educador e trabalhar com uma coleção de arte contemporânea, como a abrigada pelo IFF, é uma oportunidade de se aproximar do público, se aproximar da arte e ainda unir ambos.

Todos os dias aprendemos coisas novas. Um novo olhar, uma nova percepção, uma nova história. É uma troca de sabedorias que acontece entre os visitantes e os arte-educadores. Para mim, particularmente, o melhor momento é quando, ao final das visitas, é possível perceber a diferença de pensamentos e pontos de vista, e de como a experiência fez com que novas ideias, diálogos, compreensões e, muitas vezes, uma atração pela arte que ainda não havia sido descoberta, surgisse."

### **Ingrid Ostan**

"Em um dos encontros com o grupo continuado da ETEC Alcídio de Souza Prado, de Orlandia, fazíamos a visita pelo espaço expositivo, conversando um pouco sobre as obras, até que uma dúvida surgiu e fomentou uma discussão interessante. Um dos estudantes me questionou sobre o fato de que a maioria das obras que compunham a exposição não possuíam título. Essa é uma questão que me intriga e, algumas vezes, tive a oportunidade de perguntar aos artistas que estiveram no IFF.

As respostas sempre variaram bastante, mas a do artista Rodrigo Bivar (Brasília, 1981) me marcou de alguma forma. Ele disse que os títulos dos trabalhos da exposição trazida ao IFF em 2017, derivam de acontecimentos que ocorreram durante o processo de feitura da obra (acontecimentos aqui entendidos como uma novidade que 'soa') e foram aparecendo, ou seja, não têm a ver com o tema ou com o conceito da obra.

Agora, e as obras em que o artista decidiu não colocar título? Nomear me parece algo essencialmente humano e de uma importância fundamental na forma que nossa espécie se organizou nesse planeta. Nomeamos os objetos, os bichos, as pedras, as plantas... enfim, 'gostamos' de nomear.

Sempre tive a impressão de que uma obra sem título seria um convite, de que a partir de minha experiência pessoal e a forma como me lembraria da obra de arte, eu pensaria em um possível nome para a obra (para ser mais justo, em um apelido). Foi isso que eu respondi quando me perguntaram o que eu achava de uma obra sem título. Alguns deles se satisfizeram com a resposta, mas um não. Esse estudante explicou que, levando em consideração que a convivência dos brasileiros com a arte visual contemporânea ainda é escassa, os espaços institucionais e os museus de arte ainda parecem ser lugares voltados apenas para aqueles que 'entendem' e por isso acabam intimidando muitos na hora de conhecê-los. Aqueles que se arriscam a entrar, se deparam com obras que, muitas vezes, não se parecem com o que imaginavam, tudo aquilo é novo. Ainda segundo seu raciocínio, uma obra sem título contribuiria para um distanciamento ainda maior entre a interpretação de alguém e o pensamento real do artista.



Para ele, o título das obras seria um ponto de partida para uma pessoa leiga pensar em um significado sensível e poético para o trabalho, que fugisse do comum e do 'raso'.

Sentirmo-nos à vontade para dizer o que pensamos é um processo. A liberdade de interpretação das obras de arte pelos espectadores é algo que necessita de algum contato com elas. Na maioria das vezes, quando não sabemos algo, em um lugar onde não conhecemos nada, ficamos quietos, escutamos tudo e vamos embora cheios de dúvidas. A colocação do estudante me fez refletir por bastante tempo e me instigou a pensar novas formas de mediar o encontro dos visitantes de primeira viagem com as obras que habitam o IFF."

**Gil Neto**

“Adentrar, entender a importância de pertencimento a um local, estudar e preencher as lacunas pertencentes ao contemporâneo, tornar-se voluntário e vivenciar diversas experiências, o que a princípio sem muitas perspectivas, trouxe a mim o espaço (que antes era apenas de visita e passeio) a estabelecer algo grandioso e até mesmo um tanto quanto desafiador como arte-educadora.

Inicialmente a experiência de ser voluntária foi presenciar as metodologias aplicadas de cada um dos arte-educadores, ver que além de dedicar-se aos seus territórios, houve também a abrangência para entendimento sobre as realidades das crianças que, em sua maioria, apresentaram muito interesse sobre a arte contemporânea.

No decorrer da experiência fui aspirando às reais importâncias de estar naquele espaço atuando como arte-educadora, algo que almejei por muito tempo. A primeira turma foi exuberante na forma de comportamento e surpreendente no interesse sobre cada uma das obras de arte apresentadas, tive o auxílio do próprio assistente das professoras, que também demonstrou muito interesse sobre a área de artes e, mesmo não sendo sua área de atuação, incentivou seus alunos antes mesmo da visita. Neste encontro, especificamente, foi desenvolvido exercício no qual escreveram sobre a obra sem título (2011) da artista Iole de Freitas (Belo

Horizonte, 1945) e a associaram a um robô que não tinha coração por conta de pessoas que não gostavam dele e outras que fizeram o coração para recuperar o perdido. Esta foi uma das histórias contadas pelos estudantes do 4º ano do colégio Terra e, ao interpretá-la, é possível pensar em como a simplicidade e a coerência sobre o mundo infantil traz em síntese algo muito singelo e simbólico como o coração em uma complexa história que se baseia ainda sobre as realidades até um tanto românticas sobre o que é o amor e ser amado.”

**Mayara Bergamo Biagiotti,  
arte-educadora voluntária.**



## Diálogos com a curadoria

"A equipe do Educativo IFF trabalha sempre com foco na exposição do acervo, desenvolvendo abordagens educativas em congruência com o espaço expositivo, com as obras de arte e com o conceito curatorial apresentado a cada ano. Toda exposição é única em suas propostas, em seu conjunto e poética. Com isso, as propostas educativas também devem ser renovadas, adaptando-se às novas disposições das obras de arte e criando conexões, sendo elas previamente estabelecidas pela curadoria ou não. De qualquer forma, o diálogo com as possibilidades espaciais da exposição torna-se, ao mesmo tempo, o guia e o desafiante.

Sobre o recorte histórico criado em **Abertura 1980** pelo curador convidado, Rafael Vogt Maia Rosa, foi possível trabalhar em uma exposição que agrupa, de forma didática, uma seleção com grande diversidade de estilos, materiais e temas, aspectos importantes para compreender o próprio contexto artístico da década. A equipe do Educativo pôde acompanhar e participar dos processos de montagem junto com o curador que, de forma generosa, compartilhou conosco seus pensamentos em longas conversas, sobre a produção artística da época, contexto e curiosidades, além de suas experiências pessoais.

Falamos muito sobre as questões formais que delinearão as poéticas dos jovens artistas, como: os limites dos suportes e dos materiais, destacado pelo curador em suas falas; além de suas relações com as gerações anteriores, que ainda atuavam no cenário das artes com grande influência. Por fim, fizemos uma visita orientada, em que foi possível perceber os diálogos estabelecidos pelo curador dentro da

exposição.

O espaço de convivência e discussão criado durante a montagem foi muito enriquecedor para que os arte-educadores pudessem elaborar seus projetos autorais<sup>1</sup>. Partindo da análise das obras escolhidas por cada um deles e ainda em contato com o curador, tiveram o embasamento teórico necessário para a criação de novas práticas pedagógicas dentro da proposta da curadoria".

**Caroline Heldes**



"Diferentemente de outras exposições realizadas no IFF, **Abertura 1980** reservou uma de suas salas para mostrar um acervo de documentos históricos daquela década, com revistas, catálogos e cartazes sobre arte, todos datados dos anos 80. Também trouxe para a apreciação do público uma

1. Ver página 33.



série de fotografias feitas pelo fotógrafo e galerista Pablo Di Giulio (Buenos Aires, 1957), reunindo retratos de pessoas que, de alguma maneira, influenciaram a produção artística brasileira daquela década. Uma homenagem aos protagonistas de um período de muita efervescência e liberdade na história da arte do nosso país.

A sala serve para uma maior imersão naquele universo de abertura política e de maior acesso às novas tecnologias de informação, que auxiliaram na propagação de ideias vindas de muitos lugares do mundo. As fotos mostram alguns rostos daqueles que haviam produzido as obras que nos encantavam nas salas ao lado, o que possibilitou aos visitantes criarem uma relação mais íntima com a exposição.

Pudemos então, dentro do educativo, desenvolver melhor uma ideia sobre o espírito da época com os visitantes,

ilustrar um pouco mais o imaginário dos que viveram dentro do recorte histórico abordado pela exposição e, com isso, fomentar reflexões sobre a atualidade. É importante esse tipo de debate com as gerações que sucederam aos anos 80, para criar noções de continuidade na história. Também é de grande valor a troca de ideias com aqueles que viveram o período, que acrescentam perspectivas diferentes e experiências pessoais que se misturam com as interpretações sobre as obras."

**Gil Neto**

**"Tem algum artista de Ribeirão Preto na exposição?"**

Essa é uma pergunta que os estudantes me fazem frequentemente. Percebo que quando respondemos que sim, eles demonstram uma certa empolgação, como se isso fizesse com que desenvolvessem confiança em si mesmos e na possibilidade

de se tornarem artistas um dia.

Além disso, é nítido em suas expressões, de estudantes e visitantes, que ter obras de artistas locais na exposição faz com que eles se sintam representados de alguma forma e mais próximos da arte contemporânea. Nesse sentido, é muito importante ter a cidade representada em uma coleção tão significativa como a apresentada no IFF"

### **Ingrid Ostan**

"Durante as visitas ao IFF, é possível notar que algumas obras de arte estão sempre presentes; essas são denominadas 'obras permanentes' e recebem essa classificação por muitos motivos. Algumas, por terem sido pensadas e elaboradas para o espaço que ocupam e/ou pela procura do público, que deseja revê-las infinitas vezes, tornando sua presença indispensável.

São ainda, obras estáveis fisicamente, mas com significados que mudam a cada olhar,

a cada questionamento e a cada exposição anual.

Elas não permanecem estáticas no tempo, mas viajam através dele, um exemplo é a obra *Piano Surdo/Metade da Fala no Chão* (2010) de Tatiana Blass (São Paulo, 1979) que voltou aos anos 80 durante a exposição de 2019, criando indiretamente uma conversa com o tema apresentado e as obras que a cercam. E assim acontece com todas as obras permanentes que dividem o mesmo espaço e tempo.

Outro destaque é a instalação sem título (2011) de Iole de Freitas (Belo Horizonte, 1945), que permanece no mesmo lugar desde a inauguração do IFF em 2011. Sua retirada não alteraria a estrutura do prédio, mas deixaria o espaço incompleto."

### **Ingrid Ostan**



\*Obras permanentes que valem a pena conhecer, mas que não foram citadas neste texto: *Secção Diagonal* (2010) - Marcius Galan (Estados Unidos, 1972), sem título (2017) - Osmar Dalio (São Paulo, 1959) e 2X2 (2009) - Fabio Miguez (São Paulo, 1962).





## EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

O IFF tem salas especiais que recebem exposições temporárias, com duração de aproximadamente três meses, realizadas em parceria com outras instituições culturais e galerias.

Em 2019, tivemos o prazer de conviver com obras de artistas realmente especiais e muito diversos entre si, o que proporcionou ao público uma perspectiva da infinidade de possibilidades da arte contemporânea. Iniciamos o ano com uma exposição de fotografias do português Fernando Lemos (Lisboa, 1926-2019), concebida com a colaboração do galerista, também fotógrafo, Pablo Di Giulio (Buenos Aires, 1957) e da galeria Utópica, intitulada **Quanto mais vejo, mais invento o que desejo**. Ainda no primeiro semestre tivemos a exposição **Real** com pinturas da artista Marina Saleme (São Paulo, 1958). Seguindo na linha dos grandes formatos, a exposição **Corte estranho, impressão abjeta** encantou a todos com as matrizes e xilogravuras de Fabrício Lopez (Santos, 1977), jovem artista natural da cidade de Santos/SP. Encerramos o ano com a exposição **Uma Circunstância**, produção mais recente de Flávia Ribeiro (São Paulo, 1954), apresentando uma grande variedade de suportes entre desenhos, esculturas, fotografia e instalação.

A equipe do Educativo acompanhou as montagens das exposições, combinando pesquisa teórica e conversas com os artistas, baseando-se em suas poéticas para propor ao público abordagens e exercícios de interpretação dentro da exposição.

Caroline Heldes

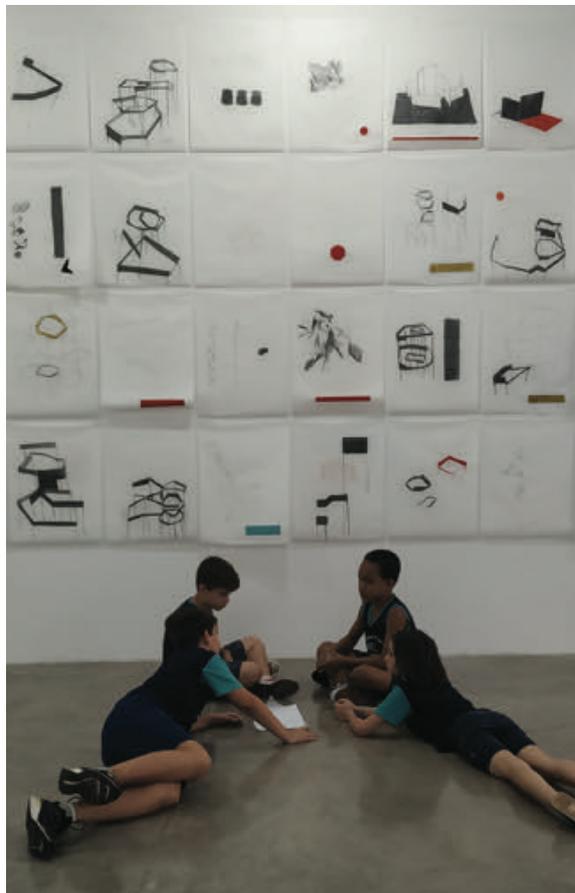
*Quanto mais vejo, mais invento o que desejo* - Fernando Lemos  
13 de abril a 04 de maio.

*REAL*  
Marina Saleme  
15 de junho a 20 de julho.

*CORTE ESTRANHO, IMPRESSÃO ABJETA* - Fabrício Lopez  
03 de agosto a 05 de outubro.

*UMA CIRCUNSTÂNCIA*  
Flávia Ribeiro  
12 de outubro a 14 de dezembro.

Clique na exposição para acessar nosso site com mais informações.





“Durante a exposição temporária do artista Fabrício Lopez, muitos estudantes se encantaram com as xilogravuras em grandes dimensões, que chamavam a atenção. O que mais me marcou foi o comentário feito por um estudante que visitava o IFF junto com a escola: ‘... eu posso estar maluco, mas consigo ouvir o som que essa história faz. Conforme eu vou olhando fico esperando que as imagens se movam, porque elas parecem estar vivas!’”

**Ingrid Ostan**

“Pode-se dizer que a exposição **Uma Circunstância**, de Flávia Ribeiro, na perspectiva de uma visita mediada, é fluida, pois as recorrências explícitas, que acontecem de diversas maneiras e permeiam todas as obras, acabam por construir um trajeto orgânico.

Apesar do texto da exposição salientar a dúvida sobre o precedente das obras, se é o desenho ou o objeto, pude observar ao longo do período expositivo o olhar do visitante fluir do plano para a tridimensionalidade. Penso que isso se deve a uma necessidade de feitura dos objetos, afinal o espaço tridimensional exige a negociação com a gravidade. As formas gráficas apresentadas passam por essa negociação antes de manifestarem-se como objetos.

O desenho na obra da artista, contudo, não desempenha a função tradicional de projeto, mas reincide, como forma e gesto, em suas esculturas. Sendo assim, minha experiência como arte-educador nessa exposição foi pontuada por evidenciar tais reincidências e segui-las, como pulsações, no decorrer das visitas.”

**Juliano Bernardo**





# Exercícios de Arte

A arte demanda tempo, atenção aos detalhes, um olhar investigativo e mecanismos complexos de interpretação. Para isso, o exercício de arte é pensado para criar um ambiente propício: escolhendo-se apenas uma obra para que os estudantes, em pequenos grupos de dois ou três, possam investigar suas formas e elementos. O trabalho em conjunto possibilita troca e ajuda na construção de conhecimento em conjunto. A partir do contato com a obra de arte que escolheram, são convidados a criar algo novo, geralmente utilizando a linguagem escrita, dentro do mesmo tema tratado pelo artista ou inspirado na obra.

Narrativas, poemas, análises e personagens, universos inteiros imaginados de forma coletiva, palavras escolhidas uma a uma para melhor refletir as impressões, os sentimentos e as metáforas percebidas na obra de arte.

Todos os anos somos surpreendidos pelo potencial poético das pessoas que visitam o IFF e pelo poder transformador da experiência estética em um espaço de arte.

**Caroline Heldes**

“Era uma vez, dez amigos que faziam parte de um circo, eles eram equilibristas, até que um dia eles foram fazer um desafio em um show, o desejo era subir uma montanha de escalada em uma fina corda que pinicava até o topo.

Eles começaram a brigar e perderam o equilíbrio, quando caíram eles perderam o desafio e para recuperar o desafio eles precisavam trabalhar em equipe. Trabalharam juntos e chegaram ao topo.”

Lorena, Maria e Lívia, 10 anos.

Narrativa criada a partir da obra *Bandeirinhas* (1990) do artista Arthur Luiz Piza (São Paulo, 1928).



“Num mundo esquisito, onde os peixes não nadam na água, os cachorros tem três patas, os lagartos caudas grandes, o cavalo usa gravata e está zangado. O movimento urbano do dia-a-dia causa raiva, stress e violência, que faz nosso comportamento semelhante ao dos animais, isolando-nos de nossa sociedade.”

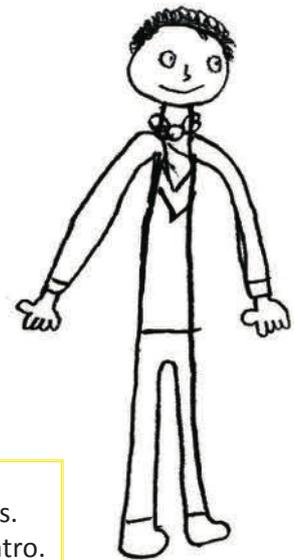
Vitória, Monielli e Nathalia, 13 anos.

Planeta criado a partir da obra *Cu do Mundo* (2019) do artista Fabrício Lopez (Santos, 1977).

“Era uma vez um homem chamado Vinicius, ele estava sonhando com uma roupa que era um macacão sujo. Era laranja, preto, vermelho e marrom. No sonho do homem o macacão era mágico, que levou ele para um lugar sombrio, cheio de luz que parecia fogo, o homem estava muito assustado, ele deu um grito, saiu do sonho e ficou tudo bem.”

Kámille, Maria e Lavínia, 10 anos.

Narrativa criada a partir da obra *2010* (1990) da artista Karin Lambrecht.



“A vida é feita de altos e baixos. Mas eu fico parado bem no centro. Se olhar direito pode ver uma vida descrita em mim. Quem eu sou?”

Ana Paula, 18 anos e Gabriela, 15 anos.

Enigma criado a partir da obra sem título (1980) do artista Geraldo de Barros (Chavantes, 1923 - São Paulo, 1998).



#### “Tempo

Foto tirada e colocada numa obra de um Instituto vai ficando no passado!

Um click você já ouve o tick tack do tempo que se passa

Tire fotos enquanto há tempo, porque o seu tempo está acabando!

Tick tack, tick tack, cuidado com o tempo e aproveite o momento!”

Sabrina, 16 anos e Laysla, 18 anos.

Texto criado a partir da obra *Casal* (1990) do artista Miguel Rio Branco.

#### “A fome da serpente

Era uma vez, uma serpente que estava quase morrendo de fome.

Certo dia, um humano se mudou para o meio da selva e ele tinha muita comida.

A serpente tentou pegar a comida mas o humano colocou grades de proteção em volta do trailer. A serpente pensou bem e viu que passava no meio das grades. Pegou uma linguicinha e foi embora.

Uma jiboia morrendo de fome, viu ela distraída e comeu a serpente junto com a linguicinha.

Fim.”

Lucas, Igor e André, 5º ano.

Narrativa criada a partir da obra *Chicote* (1988) da Ana Maria Tavares (Belo Horizonte, 1958).



“Quando tudo afunda  
A liberdade retorna do gelo  
E queima como brasas  
Em meu corpo  
Eu continuo andando  
Sem ter um lar  
Sem ter onde ficar.  
A dor me consome  
Assim como tempestade  
Molha o mundo”

Helena, Sara, 13 anos e Maria, 14 anos.

Poema criado a partir da obra *The Body* (1988) do artista Antonio Dias.

“A história de um ninja começa em um palácio, quando ele recebe um convite para um torneio e ele aceita, e no dia do torneio, quando ele chega no local ele percebe que tinha sido enganado e que o torneio era uma guerra entre dois países. Ele ter aceitado não poderia voltar atrás ou ele seria morto e ele foi obrigado a participar pelo bem da sua família.”

Giovani, Jandson e Igor, 13 anos.

Narrativa criada a partir da exposição **Corte estranho, impressão abjeta** (2019) do artista Fabrício Lopez.



“Tem duas plataformas, uma na horizontal e outra na vertical, a plataforma que está em pé possui escadas triangulares que, quando escaladas se chega a uma cidade limpa e moderna. Mas se cair você vai para uma cidade suja e poluída e essas plataformas só aparecem para pessoas com grandes ideias e só é escalada por aqueles que têm a imaginação fértil.”

Mateus e Igor, 12 anos

Planeta criado a partir da obra *Bandeirinhas* (1990) do artista Arthur Luiz Piza (São Paulo, 1928).

“Eu imaginei Sergio Camargo com uma aparência alta, magra e nem tão forte, tendo o cabelo liso e jogado no olho. Era um artista famoso mundialmente, reconhecido por fazer lindas obras e pinturas.”

Pedro e Natan, 10 anos

Perfil para o artista Sérgio Camargo (Rio de Janeiro, 1930 - 1890) criado a partir da obra sem título (1985).

“A escuridão é cada vez mais presente  
O sentimento de angústia me assola cada vez mais  
A felicidade e a compaixão são cada vez menos presentes;

A paz é praticamente insignificante,  
O amor já é confundido com o ódio;  
O puro é inexistente;

Sigo aos poucos organizando meu colapso;  
Faço isso para não me perder em meio ao caos!”

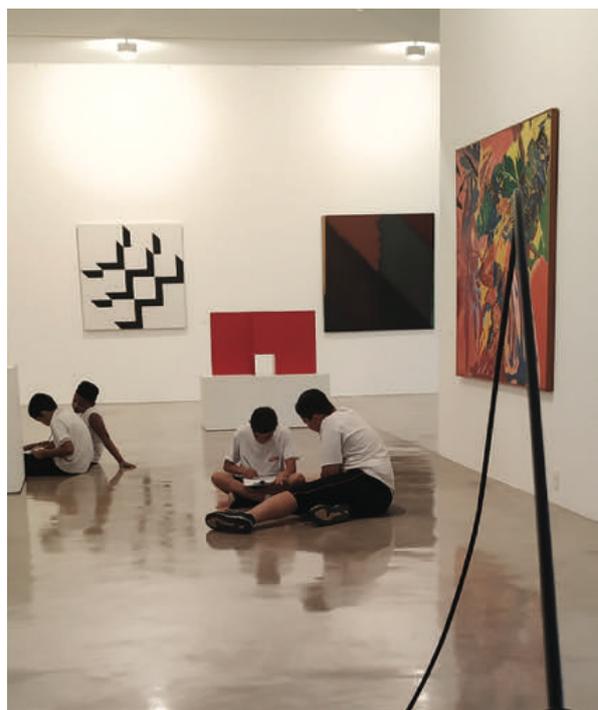
Davidson, 19 anos, Eduardo e Gustavo, 17 anos.

Poema criado a partir da obra sem título (1987) do artista Carlos Vergara (Santa Maria, 1941).



“Eu estava em coma e acordei. Estranhamente estava preso em uma jaula, havia homens em minha volta, depois de um tempo seguraram a jaula e me arremessaram ao mar. Aquele mar era escuro e estranho, comecei a sentir algo diferente em meu corpo, olhei para trás e vi asas em minhas costas, penas cresceram em meu corpo, minha boca virou um bico. Um homem vinha vindo em minha direção, ele abriu a jaula e automaticamente comecei a voar e fui me vingando das pessoas que me jogaram no mar e saber o motivo disso tudo.”

Pedro, 13 anos, Rafael e Victor, 12 anos.  
Sonho criado a partir da obra *A margem do rio / água turva* (1989) do artista Evandro Carlos Jardim (São Paulo, 1935)



“Ao ver o temporal,  
Em meus pensamentos ouço um som,  
Um som que traz uma calma, ao olhar  
O temporal, vejo que a calma vem  
Com ele, e sem esquecer que  
Quando ele for embora, a calma  
Vai ficar e toda a tristeza vai ser levada,  
De tal forma a ser refletida, sobre nossas  
vidas.”

Poema sem nome, criado a partir da exposição **Real** (2019) da artista Marina Saleme (São Paulo, 1958).

“Era uma vez, uma grande minhoca poética que quando passeava e um dia encontrou uma árvore que invés de ter folhas tinha palavras que lembrava do seu passado quando seus pais eram vivos, ela começou a escrever poesia, no dia seguinte ela encontrou um parceiro que tocava piano então fizeram uma bela dupla.”

Agatha, Pedro e Gabrielle, 10 anos.  
Narrativa criada a partir da obra sem título (1988) do artista Ivens Machado (Florianópolis, 1942 - Rio de Janeiro, 2015).







# Projetos Autorais

Os projetos autorais são linhas de pesquisa traçadas de forma independente por cada arte-educador, com o intuito de criar novas formas de mediar o contato do público com as obras de arte.

O território\* pode servir como um ponto de partida para o arte-educador na criação de métodos de mediação, necessários para a compreensão das obras que o compõe. Estuda-se a poética dos artistas, suas trajetórias, seus temas de pesquisa etc. As discussões iniciais com os grupos atravessam essas questões e desenvolvem os meios básicos para que a experiência estética se dê diante da obra que irão escolher para desenvolverem o exercício de arte que será sugerido. Neste sentido, os materiais de abordagem podem servir como um importante aliado: pequenos fragmentos de informações que potencializam o pensamento poético do público.

**Caroline Heldes**

\*O território caracteriza-se pelo conjunto de obras de arte selecionadas pelo arte-educador dentro de uma área determinada da exposição, como objeto de pesquisa na concepção de seu projeto autoral.

**Arte-educadora: Caroline Heldes**

**Palavras-chave: Tunga, humano, poesia, primitivo.**

A proposta para o projeto educativo em 2019 foi criada em relação ao diálogo sugerido pelo curador Rafael Vogt Maia Rosa, em uma de nossas conversas. Optei por dedicar minha pesquisa à obra de Tunga (Palmares, 1952 - Rio de Janeiro, 2016) e seu diálogo com o primitivo.

As duas obras do artista incluídas na mostra revelam o primitivo em figuras: a série sem título (1987) de desenhos/gravuras que narram uma história antiga, enigmática: o feto, o pelo, a luta, o tacape, o osso, o ouro; e *Escalpo [Les Bijoux de Madame de Sade]* (1984) deitado em embarço, penteado em parte. Ao seu redor, obras de diversos suportes e aparelhamentos estéticos levam o olhar em romaria para o interior do ser e seus mistérios. As fotografias do artista Miguel Rio Branco (Las Palmas, Espanha 1946), *Casal* (1990) e *Diálogo com Amaú* (1983-1997), muito próximas dentro do espaço determinado para a pesquisa, reforçam a presença crua do ser humano, seus laços, suas expressões, seus afetos primários. Na primeira fotografia, o casal sem face posa de maneira formal, em oposição a Amaú que, nos conta em série uma história entre gestos e caretas.

O território nunca foi estático e não poderia ser. A proposta parte do trabalho de um artista para abranger todos os outros, com o elemento primitivo que segue impresso em nós e que toda obra de arte, humana e atemporal, contém em si. Algumas acrescentaram abordagens mais abstratas à discussão como *The body* (1988), do artista Antonio Dias (Campina Grande, 1944 - Rio de Janeiro 2018), criada em grafite, especialmente simbólica; a obra sem título (1991), de Iole de Freitas (Belo Horizonte, 1945), sem título (1988),

de Ivens Machado (Florianópolis, 1942), sem título (1988) de Daniel Senise (Rio de Janeiro, 1955) e, por vezes, sem título (1990), da artista Frida Baranek (Rio de Janeiro, 1961).



Essa característica básica, genética, estrutural, existe? O que nos torna humanos? O que nos torna diferentes de outros animais? Diferentes uns dos outros? Iguais? Convido ao questionamento do que se sabe chegando sempre aos pontos não explorados do ser consciente que, frequentemente inconsciente dos mistérios acerca de si, espanta-se consigo mesmo.

O conceito do primitivo presente (tanto em nós, quanto nas obras) permite-nos contemplar o encontro de nossas trajetórias individuais com os primeiros exemplares de nossa espécie,



enfrentando as mesmas questões existenciais, que nem mesmo todo o conhecimento criado, cuidado e acumulado, passado adiante por nossos ancestrais, são capazes de responder.

Partindo sempre do simples, do feto, do suspiro primeiro, as conversas caminharam-se pulando de palavra em palavra, criando mosaicos de tramas visuais. As perguntas começam óbvias, mas tudo caminha em direção ao enigma, aguçando a curiosidade dos visitantes sobre si e sobre o mundo.

Todas estas questões foram trazidas com certo descompromisso, complexas demais para serem respondidas definitivamente. O intuito aqui é provocar uma reflexão descolada do que temos de conhecimento concreto sobre nós mesmos, como uma espécie de exercício imaginativo, que possibilita uma interpretação mais livre e poética das obras de arte do território e que, ao mesmo tempo, fornece informações para que os espectadores caminhem em direção às questões centrais trabalhadas pelos artistas.

## ABORDAGENS

O momento da criação: através do contato com as obras de arte do território, surgem narrativas, poemas, frases, histórias fantásticas que contam sobre os sentimentos do mundo. Colocando-se no papel de poeta, de artista, é possível entender seu exercício como aquele que atravessa barreiras do concreto em busca do que ainda não existe:

“quando você cria ficções, você cria perspectivas, equações e possibilidades novas [...] a prática da poesia é a construção da subjetividade.”

Tunga

Procurando sempre respeitar o perfil de cada grupo, o material de apoio pedagógico mais escolhido foi a palavra. A princípio, as palavras não são assustadoras, quando estão sozinhas são fáceis, simples: *primitivo, instinto, pensamento*; muitas vezes, representam algo concreto, familiar: *corpo, textura, montanha*; e avançamos: *tempo, encontro, perda, desculpa, esquecimento*; já podem ser narrativa? Seguimos: *guerra, sonho, equilíbrio, imensidão, poesia, sentido*.

Todas as palavras trabalhadas foram selecionadas em pesquisa sobre questões conceituais dos artistas e serviram para guiar as discussões em grupo e inspirar interpretações. As palavras, matéria prima da poesia, encantam por si só, quando vistas bem de perto. Criamos mundos.





TUNGA (Palmares, 1952 - Rio de Janeiro, 2016)  
 sem título, 1987  
 impressão desenho sobre papel  
 58 x 56 cm cada.



TUNGA (Palmares, 1952 - Rio de Janeiro, 2016)  
 Escalpo [Les Bijoux de Madame de Sade], 1984  
 fios de cobre e ferro  
 250 x 83 x 27 cm.



Ao lidar com a dificuldade de desenvolver pensamentos mais abstratos, convidei o grupo a fazer uma reflexão sobre os momentos que antecedem o nascimento, nossa prematuridade: o que sabemos? O que conhecemos? Sons? Texturas? Em que idade surge a consciência? De que nos lembramos? Com certa frequência surgiam discussões sobre a memória, tema escolhido para a criação do meu projeto autoral em 2018 e que muito acrescentou à nova proposta, de forma natural, reacendendo perguntas sobre os instintos básicos, a capacidade de imitar o outro, de sonhar (e consequentemente de imaginar), para que percebam que muitas destas coisas são diferentes entre si e independentes do que conhecemos como consciência.

De forma geral, é preciso estar atento para que os temas propostos possam ser delineados em conjunto com o grupo, de forma natural e sem grandes saltos, criando um ambiente de troca democrática e de reflexão coletiva. Os temas filosóficos são especialmente encantadores nas mãos da poesia, seja ela visual, escrita, sonora ou imaginária.



“À procura da ideia exata

Richard um personagem pequeno comparado com um tamanho de um copo procurando uma ideia exata, mas não sabia o que era. Escalou por dias uma montanha, ele sofreu, passou por épocas de frio e de calor, chegou ao que realmente queria no meio da montanha. Fez uma grande jornada para isso tudo, mas esqueceu tudo e o mistério continuou.”

Camila, Gabrielle e Larissa, 9 anos.  
História criada a partir da obra sem título (1988) do artista Ivens Machado.



MACHADO, Ivens (Florianópolis, 1942 - Rio de Janeiro, 2015)  
sem título, 1988  
concreto e madeira  
97 x 272 x 56 cm.

**Arte-educador: Gil Neto**

**Palavras-chave: tempo, época, história, presente, consciência.**

**"Pensar é reaprender a ver, dirigir a consciência, fazer de cada imagem um lugar privilegiado."**

**Albert Camus (Mondovi, 1913 - Villeblevin 1960).**

Uma obra de arte é como uma palavra bem escolhida; traz consigo camadas de significados que possuem a capacidade de sintetizar todo um pensamento. Perceber essas camadas é um exercício, que acontece a partir do contato com as obras de arte. Diante delas, as interpretações flutuam entre a História e as nossas histórias e referências pessoais; conhecimentos prévios e a forma como nos sentimos. Relacionamos essas coisas e formamos, então, um novo conhecimento; particular, individual, inédito.

Desenvolver a capacidade de interpretar uma obra de arte, de extrair dela significado, é mais uma ferramenta para podermos perceber sentido, causa e consequência, também no mundo. A alfabetização visual (habilidade de leitura de uma imagem) nos possibilita fazer novas relações com tudo aquilo que nos cerca. Pensando que o indivíduo não pode ser entendido em toda sua complexidade se não se levar em consideração suas produções culturais, podemos encontrar na arte traços estruturais do pensamento de uma época.

A exposição do acervo abrigado pelo IFF em 2019 teve como tema um recorte temporal, a década de 1980. Se concentrou em tentar criar um retrato o mais próximo possível do período, trazendo obras e artistas que representaram a produção artística brasileira da época. Não apenas os artistas considerados da chamada Geração 80, mas também artistas mais experientes que continuavam a produzir.

Essa particularidade foi o que geriu todo o desenvolvimento do meu projeto autoral, que foi trabalhado durante o ano.

Olhando as obras de arte que compunham a exposição, me deparei com uma grande diversidade de estilos e técnicas, mas também algumas relações inesperadas entre artistas, que a priori não existiam. Escolhi, então, um território em que isso ficasse bastante evidente. Localizado no piso térreo do IFF, era composto por 8 obras de arte e ocupava 3 pequenos corredores paralelos que não interagiam entre si.



No primeiro corredor, haviam duas telas, uma pequena e outra grande, uma de frente para a outra, eram, respectivamente: sem título (1989) de Iberê Camargo (Restinga Seca, 1914 - Porto Alegre, 1994) e sem título (1988) de Nuno Ramos (São Paulo, 1960). Apesar desse antagonismo em relação às dimensões, podiam-se encontrar muitos elementos estéticos em comum entre elas.

No segundo, três obras ocupavam as duas paredes: de um lado um objeto de José Rezende (São Paulo, 1945) chamado *Trilho* (1980) e a pintura sem título (1988) de Daniel Senise (Rio de Janeiro, 1955), de frente para a tela feita com pó de tijolo, sem título (1990), de Milton Machado (Rio de Janeiro, 1947).

No terceiro e último, também haviam três obras. Uma pintura incrível de Jorge Guinle (Nova York, 1947 - Rio de Janeiro, 1987) chamada *Dispneia Parafernália* (1981) de frente para a tela sem título (1985) de Leonilson (Fortaleza, 1957 - São Paulo, 1993) e a pincelada em forma de objeto sem título (1982) de Marcello Nitsche (São Paulo, 1945-2017).

Pensando a História como uma coleção de "pontos de vista de ontem, de hoje e de amanhã" (BRAUDEL, 1965), resolvi trazer para o debate a forma como a percebemos em nosso cotidiano. Se tratando de uma exposição com uma distância temporal determinada, achei que seria importante refletir, junto dos visitantes, se conseguimos perceber ainda a influência desse tempo no modo em que vivemos e nos relacionamos hoje. Conseguir perceber essas influências é fundamental para que possamos nos reconhecer como um ser histórico e, assim, podermos pensar também sobre o futuro. Por exemplo: será que é possível perceber no presente aqueles traços que

serão passados às gerações que virão? Se sim, será que estamos de acordo com eles? Nos reconhecemos neles? Será que é possível, estando consciente de nosso lugar na História, interferir nesses traços e mudá-los?

**A crítica daquilo que somos é, ao mesmo tempo, uma análise histórica daquilo que nos são postos e a prova de sua possível superação."**

Giorgio Agamben (Roma, 1942).



LEONILSON (Fortaleza, 1957 - São Paulo, 1993)  
sem título, 1985  
acrílica sobre tela  
185 x 106 cm.



## ABORDAGENS

Os materiais de abordagem para a mediação de uma discussão foram perguntas criadas a partir de pesquisas na literatura, historiografia e filosofia.

- Podemos ter a “cabeça no passado”?
- Podemos perceber o presente?
- O que faz algo ser atual?
- Podemos prever o futuro?
- O que é História?
- Quanto somos influenciados pelos outros?

Depois de uma conversa com os visitantes, era distribuído algum material de apoio (que poderia ser uma palavra, uma frase, um pequeno texto etc), pedido para que eles escolhessem uma das obras que compunham o território e, então, que fosse desenvolvido um texto que poderia ser a invenção de uma narrativa, de um poema, de um personagem ou de um lugar.



“Características de Personalidade  
Rústica e amedrontadora, com um pouco de insanidade.  
Desmontada mas composta, tem seu próprio diferencial; Expressiva, a personalidade transparente - sem segredos, sem barreiras.

Humana com sardas  
Cabelos brancos feitos de cera  
Olhos cor de vinho com pupilas brancas  
Vestido de argila em branco e cores escuras  
Sapato de madeira em detalhes de vinho  
Chapéu feito de aquário com peixes amedrontadores  
Óculos redondos de massinha.”

Sofia e Bianca, 12 anos.  
Personagem criado a partir da obra sem título (1988) do artista Nuno Ramos.



## Arte-educador: Ingrid Ostan

**Palavra-chave:** significados, linguagem visual, comunicação, autorreflexão, observação, pensamento, código, símbolos.

O território que escolhi está localizado no andar superior do edifício, bem ao fundo da segunda sala, como se fosse um anexo da exposição. Um local silencioso, pequeno e curioso. Dentro do espaço expositivo, nos encontramos cercados de símbolos e signos, muitos destes comuns em nosso cotidiano. Nós somos tão acostumados a símbolos que às vezes nem os notamos. Para um usuário de internet, um “@”, por exemplo, assume o significado imediato de um e-mail ou de uma pessoa no Twitter. Na arte o símbolo também se apresenta e depende daquilo que você conhece para ser compreendido, mas o fato de você não o reconhecer não significa, em absoluto, que o elemento iconográfico não esteja presente ou tenha o mesmo significado para todos.

Karen Lambretch (Porto Alegre, 1957) com a obra *2010* (1990), se destaca logo na entrada, e prende a atenção dos observadores pelas suas três cruzes de madeira, colocadas na parte inferior do trabalho. Uma obra feita com panos grossos, rígidos, rasgados e remendados, com coloração avermelhada e azul.

Podemos pensar sobre essa simbologia, o que significa a cruz? De onde surgiu esse significado? Nós que o criamos ou eles acontecem naturalmente? Cruz que não aparece apenas no trabalho de Karen Lambretch, mas também no de Leonilson (Fortaleza, 1957-1993), onde a figura se repete espelhado horizontalmente (uma cruz apontada para cima e outra para baixo), ligadas entre si pelas laterais de suas bases. A obra *Dois Cruzes* (1991), traz duas relações diferentes para o mesmo símbolo.

As duas obras citadas apresentam a mesma figura chave, a cruz. Elas estão ligadas por caminhos diferentes no espaço da exposição. O primeiro, e menor, tem entre elas a obra sem título (1990) de Tadeu Jungle (São Paulo, 1956); fotografias de um túnel, longo, escuro e de paredes avermelhadas, seguidas por uma frase que inicia na primeira imagem e termina na segunda. O segundo e maior caminho percorre a parede esquerda da sala, passando pela fotografia sem título (1990) de Sebastião Salgado (Aimorés, 1944), a pintura *São Francisco* (1985-1987), de Síron Franco (Goiás Velho, 1947), na qual retrata a história do Santo quase que de forma rupestre. Percorrendo até o outro lado da parede, onde está a obra *Santo Sepulcro* (1991), de Dudi Maia Rosa (São Paulo, 1946). Mira Schendel (Zurique, 1919-1988) com sua sutileza, ocupa sozinha uma das paredes ao lado com a obra sem título, da série *Toquinhos* (década de 70). Chegando novamente à obra de Leonilson, que se encontra na parede seguinte.

Existe ainda ali, uma obra à que todas as paredes estão observando. As obras olham para a escultura, silenciosamente, sem que nenhum movimento brusco seja feito por ambas as partes. Um estofado firme, de porte médio, feito com pele de vaca, tarraxas redondas e com 4 pés de madeira. Sua forma animalesca, imprime movimento na obra essa sem título (1990), de Edgar de Souza (São Paulo, 1962).

“O signo é tudo aquilo que não está ali, mas se faz presente significando-o em imagem. Se eu uso uma aliança na mão esquerda, isso significa que eu sou casado com alguém. O casamento não é a minha aliança, mas ela está ali para

representá-lo. O signo, então, também passa a ser uma representação do que queremos expressar, mostrar: ele é o ‘quer dizer’. E pode ser tudo.” (Aumont Jacques, 1942).

As produções artísticas de diversas épocas e culturas constituem importantes documentos de representação. Se analisarmos as pinturas desde o século XVI, onde o tema central é o questionamento religioso – já que no período estava acontecendo a Reforma Protestante e a Contrarreforma – podemos encontrar uma grande carga de representação simbólica. Signos pintados remetiam intencionalmente a alguns significados, para que com estes a arte cumprisse a função de instruir sobre o assunto desejado.

Por esse motivo, os artistas não eram simplesmente artesãos, eram homens cultos, letrados e capazes de realizar obras que deveriam ser “lidas”.

Obras de Leonardo Da Vinci (Anchian, 1452 - 1519), Michelangelo (Caprese, 1475 - 1564), entre outros, são “recheadas” de iconografias, que diretamente ou indiretamente chegam na forma de linguagem visual até o observador, que interpreta a obra.

E não foi apenas na questão religiosa que a arte utilizou símbolos para se expressar. Com a revolução industrial do século XIX, a produção de bens de consumo foi acelerada. A máquina fotográfica e o cinema chegaram também para produzir através da linguagem visual, e também dispunham de símbolos para se comunicar.

Nos anos 80, o retorno do prazer da pintura, rompe com os limites de recursos que caracteriza a década anterior. A pintura passa a ser concebida a partir

de novos pressupostos: uso abusivo das cores, grandes formatos, uso de objetos do cotidiano adotados como suporte pictórico da obra, gestualidade, figurativismo e expressionismo. Jovens pintores transitavam constantemente entre a tradição da história da arte e os fragmentos do mundo atual, realizando uma pintura híbrida e contínua.



## ABORDAGENS

Meu território contém obras que provocam o olhar e despertam a imaginação do observador. O que sugeri foi um mergulho nas criações de cada um dos artistas, levantei questões e possibilidades de leituras das obras expostas. Através da imagem pudemos explorar signos, símbolos, sinais, ícones, códigos, índices, e abordar questões sobre linguagem visual. O objetivo principal foi explorar o pensamento a respeito da comunicação através da linguagem visual

e como interpretamos as “coisas” ao nosso redor, levando em consideração a cultura de cada indivíduo.

Propus dois exercícios de arte. Em um deles, os visitantes deveriam escolher uma obra, observá-la por um tempo, principalmente os símbolos presentes e, em seguida, descrever a interpretação que obtiveram.

O outro exercício também foi feito em grupo, que foram subdivididos em grupos menores. Cada um escolheu uma obra de arte, e através dela se inspiraram para criar sua própria “tribo”\*, descrevendo toda

a cultura que inventaram, criando a sua comunicação visual através de desenhos, símbolos, gestos, entre outros.

A discussão sobre símbolos, signos e códigos, foi curiosa. Muitos confundiram seus significados, mas todos tiveram exemplos para dar. Desde placas de trânsito, redes sociais, propagandas e até símbolos mais complexos. Nos exercícios de arte, todos foram criativos e participativos, o modo como eles relacionaram a criação de suas “tribos” com a comunicação visual foi surpreendente. Muitos optaram por gestos ao invés da escrita.



FRANCO, Siron (Goiás, 1947)  
São Francisco, 1987  
óleo sobre tela com colagem  
135 x 155 cm.

\*Tribo - Antropologia: Conjunto de famílias autônomas, descendentes de um grupo comum, que partilham a mesma língua, padrões culturais, tradições etc. (Dicionário Michaelis, 2020 Editora Melhoramentos Ltda.)



JUNTOS SOMOS MAIS FORTE

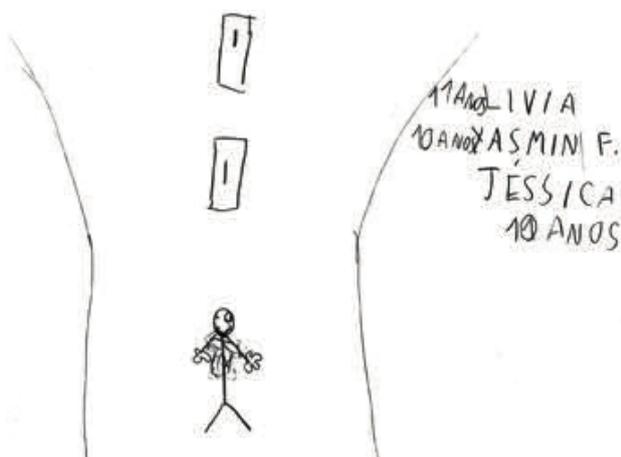
9 Eduardo e Julia, Ana Luisa 9.

Mensagem inspirada nas obras do território descrito.  
Eduardo e Ana Luisa, 9 anos; Julia, 10 anos.

nome do mundo: Mortos Vivos

LINGUAGEM: ♣ = CASA - III = FAMÍLIA - ♣ = COMIDA

NOS INSPIRAMOS NA OBRA VERMELHA,  
POIS TIVEMOS A IDEIA DE QUE AS  
PESSOAS PASSAM POR LÁ ANTES DE  
MORREREM



“Nome do Mundo: Mortos Vivos

Nos inspiramos na obra vermelha, pois tivemos a ideia de que as pessoas passam por lá antes de morrerem.”

Yasmin F. e Jessica de 10 anos, Lívia de 11 anos.

Tribo e história inspirada nas obras do território descrito.

## Arte-educador: Juliano Bernardo

**Palavras-chave: sonho, enigma, analogia, figurativo.**

Em 2018 realizei meu projeto autoral utilizando o sonho como ferramenta de analogia, construindo, assim, uma ponte entre a experiência onírica e a estética. Intitulado anteriormente “O enigma do sonho na arte”, a proposta era sobrepujar certa hesitação ao pensamento abstrato que observara no convívio com os grupos de estudantes que participavam do programa de visitas.

A designação do sonho para consubstanciar a relação de semelhança com a arte não é arbitrária, mas em virtude de sua natureza enigmática, o destacamento da realidade e coexistência do contraditório. A analogia, nesse contexto, serviu como ponto de intersecção dos visitantes com as obras, afinal, mesmo que não possuíssem familiaridade com um espaço de arte, a experiência onírica é comum a todos os humanos.

Este ano, como a exposição **Abertura 1980** trouxe maior ênfase na linguagem pictórica, decidi acompanhar esse

movimento e transpor o projeto para o novo contexto. As obras do meu território incluíam: *Figura no Trapézio (para WDL)* (1989), de Luiz Paulo Baravelli (São Paulo, 1942), homenagem à Wesley Duke Lee (São Paulo, 1931-2010), em que, apesar do uso de materiais inusitados, retém atenção especial ao desenho do rosto; dois desenhos de figuras humanas, sem títulos, de Maciej Babinski (Varsóvia, 1931), feitos à lápis e aquarela, datados de 1986; *A margem do rio / água turva* (1985), de Evandro Carlos Jardim (São Paulo, 1942), dois desenhos em nanquim que representam frascos de perfume; e sem título (1989), de Takashi Fukushima (Soma, 1920-2001), uma pintura de paisagem díptica que apresenta elementos geométricos e gestuais.

Se antes, em 2018, a escolha do território se deu em prol de obras que não possuíssem narrativa e figuração, tais como performances, instalações e objetos, construídos com materiais não necessariamente associados à arte, a fim



FUKUSHIMA, Takashi (1950)  
sem título, 1985  
óleo sobre tela  
díptico 125 cm (cada) cm.

de “burlar” a hesitação ao pensamento abstrato, agora há uma mudança de foco. As obras deste território são figurativas e tem raízes na história da arte: retrato, figura humana, paisagem e natureza-morta. Portanto, não se trata mais em remover o obstáculo, mas transpô-lo tornando esses elementos presentes.



## ABORDAGENS

Em um primeiro momento, para além de se apresentarem, pergunto ao grupo sobre um sonho que se lembrem, recente ou não. Esse momento é de importância fundamental, pois é quando a natureza do sonho em suas diversas formas torna-se consciente para os participantes. Também é uma ocasião que estabelece cumplicidade, uma vez que os sonhos podem revelar muito de nós mesmos.

Construo, a partir daí, toda a conversa em torno dos relatos. São os mais diversos possíveis: sonhos em preto e branco, em 1ª ou 3ª pessoa, memórias do passado, desejos e repulsas, reminiscências de

filmes e desenhos, outros que tendem à imaginação e sem referência temporal definida. Todos os exemplos dados, cada um a seu modo, mostram uma faceta da experiência onírica.

Em seguida, deslocava o assunto para o tema arte, com perguntas como: será que podemos tirar ideias para obras de arte dos sonhos? Ou alguma obra ao redor poderia ter saído de um sonho? No projeto original, além das mesmas perguntas que operavam a aproximação entre o mundo onírico e o da arte, também eram utilizados trechos de um diário de sonhos, escrito por uma autora japonesa, os quais traduzi, para servirem de exemplos para as associações. Mas, como a tônica deste ano esteve na autonomia, optei por deixar os próprios relatos do grupo influenciarem o exercício. Esse, por seu lado, era executado do seguinte modo: divididos em pequenos grupos, escolhiam cada um uma obra presente no território. Então, o grupo precisa fingir ser o artista, autores da obra, e este, por sua vez, obteve a ideia para a obra a partir de um sonho. Assim sendo, o grupo deve contar (criar) como foi esse sonho.



“No nosso sonho, foi estranho. Tudo começava no shopping, uma mulher tranquila passeando normalmente começou a sentir uma coisa estranha em seu corpo. Ela se olhou no espelho e viu vários corpos se juntarem em seu corpo, tons de pele diferente, alturas diferentes, homens e mulheres em um corpo só. Os corpos começaram a se entenderem, e aí sim formaram um único corpo.”

Lilian, 12 anos e Júlia, 11 anos.  
Sonho criado a partir da obra *Figura no trapézio* (1989) do artista Luiz Paulo Baravelli (São Paulo, 1942).





## Diversidade de Público

O Programa Educativo busca tornar-se cada vez mais acessível a todos, sempre aprendendo com as diferenças e possibilitando trocas de saberes entre faixas etárias e áreas de conhecimento. Especialmente em 2019, registramos um crescimento no número de grupos de profissionais – dentro e fora das parcerias do Educativo – e também de grupos universitários de diversas áreas como Ciências Biomédicas, Biologia, Arquitetura e Gestão Pública. É sempre maravilhoso poder compartilhar novas formas de interpretar as obras de arte e o mundo contemporâneo com os visitantes.

O Projeto Educativo valoriza muito a possibilidade de atender essa diversidade de público e está sempre aberto às novas possibilidades de produção de conhecimento em conjunto. Diferentes públicos nos impulsionam a criar diferentes formas de mediação, ampliando nossa habilidade de acolhimento e tornando o IFF um lugar especial de encontro.

**Caroline Heldes**



“Receber outras instituições culturais no IFF, principalmente parcerias que já datam de outros anos, é uma oportunidade de atuar em conjunto na formação complementar dos estudantes. São sempre visitas que se destacam pelo fato de serem compostas por um público diversificado: estudantes em diferentes fases da vida, diferentes idades e, às vezes de cidades diferentes, ou seja, de diferentes contextos. Essa pluralidade ajuda nos debates propostos pelos arte-educadores, pois podemos perceber que durante as visitas, eles aprendem muito entre si.

Quando chega o momento de realizar as atividades escritas, são formados grupos que representam essa diversidade. O que será desenvolvido por eles tem um pouco do pensamento de cada um dos integrantes. A produção de conhecimento se desenvolve da forma mais horizontal possível, ou seja, não hierárquica.

A aprendizagem de um estudante não acontece apenas na escola e a visita ao IFF pode contribuir no desenvolvimento potencial de cada um deles.”

**Gil Neto**

“Os portadores de diferentes tipos de deficiências (físicas, sensoriais, intelectuais ou múltiplas), estão em constante busca de um lugar na sociedade e encontram muitas barreiras na vida social. As obras de arte da exposição do IFF, são um meio de aproximá-los do mundo. O indivíduo pode entrar em contato consigo mesmo através da arte pois, ao apreciar uma obra, encontram figuras, lembranças e ideias que os cercam, estimulando-os de diversas formas, como sua imaginação e atenção.

O educativo busca canalizar e potencializar as aptidões de cada pessoa. Proporcionando um ambiente multidisciplinar de aprendizado, criando



novas possibilidades de interpretação e uma participação mais efetiva nas exposições.”

### **Ingrid Ostan**

“Já há alguns anos recebemos grupos de adolescentes da Fundação Casa (Unidades de Ribeirão Preto e de Batatais). Os atendimentos são planejados e ocorrem normalmente. Em um dos encontros, recebemos cinco visitantes de idades que variavam entre 17 e 18 anos. Escolhemos nos sentar para uma conversa inicial em um território onde as obras possuem pinceladas mais expressivas, as cores são mais vivas, e isso os chamou a atenção de imediato. Curiosos sobre as obras, olhavam para elas mas não diziam nada.

Algo recorrente no início é um pouco de timidez, por isso sempre fazemos questão de nos apresentarmos com calma, sempre acompanhado de alguma pergunta simples para fazê-los pensar de forma mais abstrata. Na ocasião foi: Se você fosse uma comida, qual comida você seria?

Com o tempo, as respostas foram aparecendo e passamos a interagir mais uns com os outros. Conversamos então um pouco sobre qual a relação de cada um deles com a arte: se pintavam ou desenhavam; escreviam poemas ou histórias; cantavam ou tocavam algum instrumento. A partir disso, passamos a conversar sobre as obras de arte que estavam ao redor, tentando, em conjunto, imaginar qual seria a motivação dos artistas para criá-las e se podemos perceber também essa motivação em outras atividades. Neste momento, apesar de todos estarem prestando bastante atenção na conversa, ainda foram poucos os que se arriscaram a dizer alguma coisa.

Distribuímos, então, algumas palavras e propusemos que, a partir delas, eles

escolhessem alguma obra que estavam ao redor e criassem uma narrativa. Alguns preferiram desenhar, o que também foi incentivado, desde que não fosse uma tentativa de cópia, mas algo autoral. Quando todos terminaram, cada um apresentou o que fez para o grupo, contando quais foram as intenções e interpretações, diante das obras escolhidas.

Passamos para a visita aos outras salas da exposição do IFF, que aconteceu de forma muito espontânea, com comentários e dúvidas por parte dos visitantes. A troca de ideias entre todos se deu até o momento de ir embora, com promessas de que um dia voltariam com mais tempo.”

### **Gil Neto**





## CRIANÇAS



“Aprendizagem faz nascer, estimula e ativa na criança um grupo de processos internos de desenvolvimento no âmbito das inter-relações com outros, que, na continuação, são absorvidos pelo curso interior de desenvolvimentos e se convertem em aquisições internas da criança.”

Lev Vygotsky (Orsha, 1896 - Moscou, 1934).

Grande parte do público do Educativo no ano de 2019 ainda frequentava o Ensino Fundamental. Para algumas dessas crianças, a visita ao IFF serviu também como referencial para as aulas de arte em suas escolas.

O contato com as obras dentro da exposição é um ponto chave para que os estudantes possam experimentar a arte, para então fazê-la, inventá-la. Desenvolver a criatividade artística desde a infância, permite que as crianças estejam sempre exercitando a livre escolha, pensando o mundo e, por consequência, julgando-o.

Em uma sociedade onde os estímulos que nos atingem não vêm apenas em forma de texto, devemos, como educadores, ajudar esses estudantes a crescerem com capacidade de reconhecer e interpretar os signos à sua volta, e, por consequência, sua própria realidade, de forma crítica. Transformando-se em cidadãos historicizados e históricos, com consciência de suas capacidades, eles poderão desenvolver-se em total potência como indivíduos, atuantes em seus contextos coletivos.

### Gil Neto





“A turma demonstrou grande expectativa, conversamos ainda do lado de fora sobre as experiências que eles já haviam tido com a arte. Incrível como nesta idade todos adoram desenhar, brincar com as cores... isso me faz pensar sobre o que muda para nos distanciarmos desses fazeres conforme envelhecemos.

Uma das primeiras frases ditas foi a de que ‘desenhar ajuda a aliviar a mente, a deixa mais leve’. Acredito que no decorrer da vida precisamos cada vez mais disso. Para eles, a arte é como algo que concretiza, transforma em coisa, aquilo que antes era só uma ideia, um pensamento e, ao fazer isso, abre espaço para que outra coisa possa entrar, ou a mesma coisa, mas diferente.

Entramos na exposição e discutimos sobre o que levava um artista a criar as obras e porquê elas são tão diferentes umas das outras. A resposta deles foi a de que 'cada trabalho é resultado da expressão de cada um'. Interpretei como se estivessem se referindo à individualidade. Disseram que, por conta disso, o que move um artista muda ao longo do tempo da vida, e também ao longo do tempo histórico, acompanhando as mudanças do mundo.

Propus que criassem uma história, depois



“Era uma vez 5 rádios pescadores, eles estavam tentando pescar a internet em cima de uma montanha. Eles estavam conversando sobre pescaria e do nada metade da lagoa começou a congelar e a internet não estava pegando e quebrou e eles foram embora.”

Ryan, Gui e Breno, 8 anos.  
História criada a partir da obra *Rádios pescando* (1986) de Guto Lacaz (São paulo, 1948).



de escolherem uma obra como referência, a partir de uma palavra sorteada. Os grupos se concentraram para poder desenvolver a atividade e ficaram bastante satisfeitos com os resultados.”

#### **Gil Neto**

“A Rede SESI trouxe turmas entre o 5º ano do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio.

Foram abordados diversos assuntos, de acordo com a faixa etária de cada grupo. Os estudantes demonstraram muito interesse durante as visitas, sempre atentos e cheios de curiosidade.

Foi indispensável observar que as escolas da Rede SESI apresentam um rico material didático nas aulas de artes. No entanto, eu acredito que, ver a foto de uma obra e vê-la pessoalmente são experiências distintas. Nas fotografias, não é possível observar detalhes como a textura. Além disso, a materialidade das obras confere uma real vivência da experiência proposta pelo artista, o que é uma oportunidade única e marcante.”

#### **Ingrid Ostan**



**A guerra das cores**  
Existiam dois reinos, os das cores frias e das cores quentes, por influência pelo Deus das cores opostas, o Preto e travaram uma guerra entre si, ao saber da guerra o Branco resolveu aparecer pois, a guerra não traria benefícios a lado algum e só trazia desgraça e morte. Ele trouxe o caminho certo e fez usando a cor de cada ser criando uma casal e simbolizaria a paz e a unidade das cores. Resolveram fazer uma festa para celebrar a união deles, Dançando.

Jardson , 12 anos e Guilherme, 11 anos.  
Narrativa criada a partir da obra *Inferno de Dante* (1989) do artista José Roberto Aguilar.





## ADOLESCENTES

A adolescência é um período importante na vida de um estudante. O papel do educador pode ser determinante para que seu aluno possa realmente atingir seu desenvolvimento potencial. Tendo em mente que a educação, assim como a arte, é uma forma de intervenção no mundo, buscamos, ao longo de 2019, desenvolver um trabalho que proporcione aos estudantes autonomia na hora de se expressar, respeitando os conhecimentos prévios de cada um, na intenção de criar conexões de seus apontamentos com as obras em exposição.

**Gil Neto**



“Dentro de nossa formação como indivíduo nos é proposto, cada vez mais, que a abstração fique em segundo plano e que pautemos nossas percepções de mundo apenas naquilo que é concreto, sintético. Talvez o mundo em que vivemos nos obrigue a pensarmos também de forma mecânica as nossas relações com as pessoas e com o que está ao redor. ‘Negligenciamos nosso dom de compreender as coisas através de nossos

sentidos’ (ARHEIM, 1980), e procuramos padrões de explicação, inclusive na forma como nos sentimos.

No entanto, a abstração de pensamento tem papel fundamental na construção de nossa realidade social e, conseqüentemente, individual. É a partir dela que se faz possível propor novas interpretações e hipóteses para procurar uma compreensão maior sobre o que nos



é realmente importante.

Em 2019, o IFF recebeu a visita de alguns grupos de estudantes em fase pré vestibular, como os alunos da Escola Puntel e também do Cursinho Popular Independente de Jardinópolis. Este é o período da vida em que o pensamento é incentivado a ser prático, e por isso tende a ser raso. Tentamos, então, transformar esses encontros em momentos onde os estudantes pudessem sentir-se à vontade para pensar de maneira diferente daquilo que lhes é esperado. Que pudessem usar suas referências pessoais para se expressar, sem medo de estarem errados. Acreditamos que exercícios de percepção como esses, nos permitem criar novas relações entre os conhecimentos que já possuímos e, assim, desenvolver para eles diferentes aplicações.”

#### **Gil Neto**

“Recebemos em uma ocasião uma turma do SESI que, em sua maioria, já havia visitado o IFF, o que possibilitou conversas mais relacionadas às obras. Iniciei na sala de entrada, apresentando os diferentes tipos de apropriação que podem ser encontradas na exposição deste ano. Uma das obras que fomentou um debate foi *Rádios pescando* (1986) de Guto Lacaz (São Paulo, 1948), perguntei sobre o processo do artista e o que realmente ele teria feito para que aquilo pudesse ser considerado uma obra de arte. Pensando que os rádios não foram alterados, apenas uma linha foi amarrada na ponta de cada antena, em que momento ocorreu o trabalho do artista?

Outro trabalho que discutimos juntos foi o *Zero dollar* (1984) de Cildo Meireles (Rio de Janeiro, 1948). Pensamos sobre a apropriação de símbolos que existem: para entendermos a intenção do artista com o trabalho, precisamos conhecer

previamente o que representam esse símbolos e qual a influência deles em nossas vidas.

Já sentados no espaço expositivo, propus uma conversa sobre o “diferente”, sobre como nos relacionamos com isso e o que apreendemos das coisas novas que conhecemos. Percebendo que o tema havia gerado colocações interessantes, propus uma atividade que consistia em criar uma narrativa dividida em três partes. Formamos três grupos onde cada um ficaria encarregado de escrever uma das partes: Introdução, desenvolvimento, e conclusão.

O que percebi foi que, imaginando o que os outros teriam escrito, os estudantes tiveram uma preocupação maior em serem abrangentes e sensíveis: conseguiram atingir uma profundidade de interpretação das obras e produziram textos incríveis. Foi como se contassem com o comprometimento dos outros grupos e por isso sentiam-se dispostos para explorar suas ideias de forma mais criativa, ao mesmo tempo que crítica.”

#### **Gil Neto**



“O tempo é diferente no mar  
O mar leva o tempo  
O mar leva nossos pensamentos.

TEMPO            MAR  
                     MORTE        LEVA

'A morte com o tempo o mar leva'”

Julia Cruz, Thayná, Aline e Mariana.  
Primeira parte da história, criada a partir da obra sem título (1998) do artista Nuno Ramos (São Paulo, 1960).





“Quando essas duas pessoas | indivíduos se juntam e tornam-se uma só carne, inclui-se tudo aquilo que se fez, que se viveu, que se tornou, e fica em memória, apenas. Percebe-se o quanto há de igualdade, coincidência entre elas, como parecem diferentes, mas como são exatamente idênticas, umas às outras.”

Giovanna, Júlia e Letícia.  
Meio da história, criada a partir da obra sem título (1989) do artista Iberê Camargo (Restinga Seca, 1914 - Porto Alegre, 1994).



“Por fim, os sentimentos pode ser demonstrado de uma forma abstrata, entre diversas cores, mas o que predomina é a tristeza, representada em tons escuros, colocada em diversas formas, sendo uma forma de manifestação.”

Vitória, Vitor e Maria Eduarda.  
Final da história, criada a partir da obra *Dispnéia Parafernália* (1981) do artista Jorge Guinle (Nova Iorque, 1947-1987).





## ADULTOS

Enquanto educativo, o IFF apresenta uma predominância de grupos de crianças e adolescentes, de instituições tanto particulares quanto públicas, em suas visitas agendadas. No entanto, a partir 2017, graças às celebrações de novas parcerias, houve um aumento significativo de cerca de 10% nos agendamentos de grupos de adultos.

### Juliano Bernardo

“Devido à crescente diversificação da demanda, as conversas e atividades propostas pelo Educativo ampliaram-se em escopo como resultado. Dentre os novos grupos que passaram a frequentar o programa de visita estão os estudantes universitários, dos quais destaco a vinda do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos como exemplo.

Em um primeiro momento, estando presentes Ingrid e eu como arte-educadores, buscamos chamar a atenção para o edifício do instituto ao perguntarmos sobre as impressões que os participantes tiveram ao adentrar o espaço expositivo. Estando ambientados, a discussão seguiu para intersecções que poderiam haver entre arte e arquitetura. As respostas que obtivemos, contudo, estiveram mais focadas nas diferenças do que nas similitudes. A diferença mais destacada foi entre a liberdade do fazer artístico versus a rigidez do trabalho do projetista.

A atividade proposta foi a seguinte: os dividimos em duplas, das quais um dos participantes deveria estar vendado. O que podia enxergar deveria escolher uma das obras ao redor e descrevê-la para o vendado sem recorrer a informações como forma e cor. Em seguida, ao serem desvendados, nos reunimos novamente para conversar sobre as percepções que os participantes vendados tiveram da obra antes que pudessem vê-la e sobre os desafios daqueles que descreveram as obras de arte sem referências visuais.

Enfim, a tendência e o interesse do Educativo do Instituto Figueiredo Ferraz em atingir novos públicos abre um espaço para a convergência de áreas e especialidades que repercutem em nossa produção educacional.”

### Juliano Bernardo



“Voltei ao passado e entrei no presente.”

Hercília e Lavínia.

Frase criada a partir da obra sem título (*Persianas*) (1989) do artista Rodrigo Andrade (São Paulo, 1962).



“Novas experiências e aprendizados fazem com que nosso trabalho fique mais criativo e menos repetitivo. Por esse motivo o IFF convida não apenas estudantes, mas também funcionários das empresas e instituições de ensino, a participar do Programa Educativo, trazendo novos olhares e novas discussões para dentro das artes visuais.

A USP de Ribeirão Preto proporcionou a seus servidores uma tarde com o Educativo do IFF, durante a qual tivemos uma conversa filosófica sobre 'como viver junto?'. Este assunto foi pensado tendo em vista que o grupo era composto por funcionários de diversas áreas, os quais muitas vezes dividem o mesmo ambiente. Assim, pudemos fazer a mesma relação com as obras expostas, as quais foram produzidas por diferentes artistas,



mas que dividem o mesmo espaço expositivo. Alguns questionamentos foram levantados, entre eles: qual a dificuldade em conviver em sociedade e por quê? Como tornar a convivência uma experiência positiva e criativa? De que forma a arte pode contribuir para a relação entre as pessoas?

Tratou-se de uma conversa cativante, durante a qual todos participaram ativamente e compartilharam seus pensamentos, o que deixou a mente mais aberta para os exercícios escritos.”

**Ingrid Ostan**

“O SESC de Ribeirão Preto tem um projeto para inserir a terceira idade em eventos

locais, de forma a resgatar seu papel na sociedade. Muitas de suas atividades incluem viagens, oficinas, esportes e passeios culturais e é com muita satisfação que o IFF integra esse itinerário.

No primeiro momento fizemos o 'Bem-vindo', no qual conhecemos um pouco de cada um, nos apresentamos e também falamos sobre o IFF. Como o grupo era grande e já estavam acostumados a visitar exposições de arte, optamos por deixar todos bem à vontade e acompanhados pelos arte-educadores, proporcionando uma troca de experiência entre ambas as partes.”

**Ingrid Ostan**

*Luciana Maciel - 47 anos*

*Era uma cabeça  
Com 4 pés  
Estava me observando  
E a impressão era que  
Eu ia chegar perto  
E ele ia sair correndo  
Sempre que eu olhava  
Ele me encarava*

“Era uma cabeça  
Com 4 pés  
Estava me observando  
E a impressão era que  
Eu ia chegar perto  
E ele iria sair correndo  
Sempre que eu olhava  
Ele me encarava”

Luciana Maciel, 47 anos.  
Poesia criada a partir da obra sem título  
(1990) do artista Edgard de Souza.



### **VISITAÇÃO ESPONTÂNEA**

Com entrada gratuita e uma rotatividade de exposições durante o ano, a visita ao IFF faz com que o público se aproxime da arte contemporânea e permite, não apenas o desenvolvimento da criatividade e o aprimoramento das formas de percepção, mas também amplia a compreensão do homem a respeito da realidade que o cerca e seu autoconhecimento. A arte trabalha o ser humano sem limitá-lo, levando-o a criar e transformar o espaço em que está inserido. Os visitantes podem circular pela exposição de forma livre podendo ser acompanhados pelos arte-educadores, para que seja feita uma troca de informações e ideias, se desejado.

**Ingrid Ostan**





## ADEVIRP

 [...] toda pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.”  
ONU, 1948

“Queremos quebrar as barreiras físicas, sociais e comunicativas, para que as pessoas com deficiência possam experienciar plenamente todos os ambientes e ter oportunidades iguais aos demais indivíduos. Por esse motivo, é com muita satisfação que o IFF completa mais um ano de parceria com a ADEVIRP.

Muitas esculturas fazem parte da Coleção Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz, o que sempre possibilitou uma vivência rica para os visitantes da ADEVIRP, os quais podem, através do tato, apreciar as obras e interagir com o ambiente de forma segura.

Esse ano, escolhemos duas esculturas em metal, ambas sem título (1985) de Amilcar de Castro (Paraisópolis, 1920-2002). Essas esculturas contêm texturas e recortes, o que fez da experiência um momento leve e cheio de surpresas. A descrição da obra foi feita verbalmente e em seguida a apreciação tátil, individualmente, todos acompanhados por um arte-educador.”

**Ingrid Ostan**



## Parcerias

Ao longo dos anos, o Programa Educativo pôde contar com parcerias de muita importância para o nosso desenvolvimento como projeto educacional, reforçando o otimismo em relação à importância da nossa missão, como instituição, em possibilitar o contato com a arte contemporânea, a fim de criar uma elite cultural na região, que frequenta e aprecia a arte em todas as suas manifestações, reconhecendo seu valor para o desenvolvimento individual de todo ser humano.

As parceiras abrangem instituições públicas e privadas, de vocação educacional e cultural, visando sempre oferecer o acesso democrático à arte. Em 2019, seguimos com antigos parceiros, que contribuem todos os anos nos proporcionando diferentes experiências, ampliando e renovando nossos vínculos, em uma relação de confiança pela qual somos imensamente gratos. Também tivemos as alegrias de novas conexões, que se iniciaram com a esperança de muitos frutos nos anos que seguem.

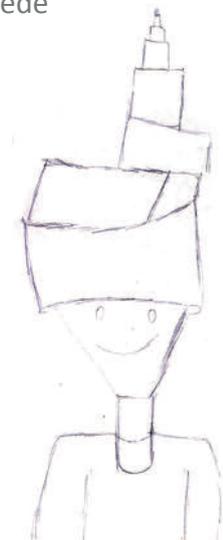
**Caroline Heldes**



### SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE RIBEIRÃO PRETO

A parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão Preto existe desde o início do Programa Educativo IFF em 2013, representando grande parcela do número de estudantes recebidos pelos arte-educadores desde o início. Em 2019, pudemos ampliar a visita em relação ao ano anterior, trazendo cerca de 1.100 alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, além de receber os novos professores de artes em um evento especial no IFF. Seguimos com laços reforçados para que os próximos anos sejam ainda mais efetivos em promover o acesso e fruição das exposições do IFF, assegurando a formação e inclusão social de professores e estudantes de toda a rede municipal.

**Caroline Heldes**





“Gaiola dos sonhos

Preso em seus sentimentos  
se sentia em uma gaiola  
enferrujada  
com o sonho de um dia poder  
sair dali, e ser feliz  
e viver tudo o que não podia.  
Conforme o tempo ia passando  
o sonho de uma dia sair dali só  
aumentava,  
e como se mais ferros  
aparecessem e o prendia  
e a cada tentativa de sair, uma  
placa de ferro  
surgia, o deixando sem  
esperanças.”

Raissa, 14 anos, Leonardo e Maria,  
12 anos.  
Narrativa criada a partir da obra  
sem título (1990) da artista Frida  
Baranek (Rio de Janeiro, 1961).

“Sou parecido com a letra C,  
E também com um macarrão  
Preste bem atenção, porque  
sou uma semelhança da morte  
e sou inclinada como uma  
ponte, nos olhos de uma  
criança posso parecer um  
brinquedo.”

Maria, Vitória e Sabrina, 12 anos.  
Enigma criado a partir da obra  
*Chicote* (1988) da artista Ana  
Maria Tavares.

“Pinguim, você gosta de mim?  
Não, por que sou bem sincero.  
Você não tem coração?  
Tenho, mas a função dele é bater,  
não gostar de você.”

Erick e Julio, 12 anos.  
Poema criado a partir da obra  
*A Concha eloquente do coração*  
(2013) do artista Fabrício Lopez  
(Santos, 1977).

“Cinco trapezistas se  
apresentaram em um circo de  
São Francisco, às 22:00h da  
noite, para todas as idades.  
Malabaristas se equilibraram  
numa forma geométrica nunca  
vista, que não tem palavras para  
descrever. Fazem sucesso e  
viajam para o mundo exterior e  
nunca mais deram ouvidos.”

Débora, Maria e Kauê, 11 anos de  
idade.  
Narrativa criada a partir da obra  
*Trapezistas* (1986) de Fernando  
Barata.

“Redemoinho Gilberto  
Em um dia comum o redemoinho  
Gilberto estava perto de uma  
cidade quando puxou um cavaleiro  
da mitologia, chamado Gregório,  
e ai se fundiram. Formando o  
redemoinho Gilgório.”

Guilherme, 12 anos, Yuri e Luis, 12  
anos.  
Narrativa criada a partir da obra  
sem título (1989) do artista Ivald  
Granato (Campos dos Goytacazes,  
1949 - São Paulo, 2016).

“Felicidade me define  
Muito grato por estar aqui  
Sinto muito mais tenho que partir  
Sinto a emoção da minha vida  
Vivi ela a flor da pele  
Senti coisas que nunca pensei  
passar  
Mas assim muito feliz consegui  
superar  
Estarei por aí  
A procura de te fazer sorrir  
Obrigada por existir  
E por me fazer feliz.”

Luara e Lívia, 11 anos e Ana Clara,  
12 anos.  
Poesia criada a partir da *Diálogo  
com Amaú* (1983-1997) obra do  
artista Miguel Rio Branco.

“Sonhei que estava indo trabalhar,  
entrei no carro e fui.  
Quando o celular vibrou, acabei me  
desligando do trânsito e quando  
percebi que estava na contramão  
acabou que um caminhão colidiu  
comigo. Acordei no hospital.  
E já não lembrava de nada, era  
tudo um branco.  
Acabei acordando do sonho  
assustado e percebi que o trânsito  
não é brincadeira.”

Ester, 12 anos e Anna, 11 anos.  
Sonho criado a partir da obra sem  
título (1989) do artista Eduardo  
Sued (Rio de Janeiro, 1925).





---

## DIRETORIA ESTADUAL DE ENSINO DA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO

A parceria com a Diretoria Estadual de Ensino da Região de Ribeirão Preto promove encontros de formação de professores, já há 4 anos. Em 2019 foram realizados 3 encontros de formação para professores e coordenadores pedagógicos de todas as disciplinas, visando favorecer a interdisciplinaridade na concepção de novas estratégias pedagógicas a serem trabalhadas dentro das salas de aula.

Os professores, além de participarem das palestras oferecidas no período da manhã, contemplando diversos temas, também puderam participar de visita às exposições acompanhados dos arte-educadores, que criaram abordagens articuladas com as discussões levantadas anteriormente, propondo rodas de conversas e exercícios de criação poética, para potencializar a capacidade interpretativa de todos. Essa parceria é muito especial, pois acreditamos que os professores são importantes agentes de mudança dentro de qualquer sociedade.

### **Caroline Heldes**

“Ao longo do ano, foi realizado no IFF palestras para professores e coordenadores. Como forma de estender a conversa e desenvolvê-la melhor, depois dos encontros no auditório, passávamos para a exposição, para realizar alguns exercícios de arte. Essas experiências com professores revelaram-me algumas questões que parecem ser pertinentes no contexto atual da educação brasileira.

A arte, em todos os seus meios, se coloca como um território de invenção. Deve ser assim. É a partir dela que conseguimos refletir sobre como vivemos e do que necessitamos. Pensar sobre o como se vive, porque 'enquanto vivo, não vejo', ou seja, a alfabetização – visual, sonora, textual etc. – é conscientização de si e do mundo.

Muitos assuntos sobre cotidiano dentro da sala de aula foram trazidos pelos professores. A relação com os estudantes e seus familiares, com os espaços escolares e, também, debates sobre propostas pedagógicas e suas eficácias. O IFF, então, serviu como um ambiente onde a realidade da escola foi pensada e ponderada. Problemas e soluções foram debatidos por e entre eles.

Na certeza de que o meio não é determinante, mas sim um limitador, acredito que espaços de invenção como o IFF têm a capacidade de nos mostrar o 'além-limite', de desenvolver e transformar a realidade ao redor. Conscientes de nossa história e contexto, não apenas conhecemos ou nos reconhecemos em algo, mas nos percebemos, também, como autores de nossa própria existência.”

### **Gil Neto**



"Aqui dentro, fervo.  
Estou a 100°!  
Borbulho  
Olho para frente e  
Sinto uma brisa suave e intensa  
Transcendente, à 23°  
Entre o inferno de de Dante  
E o céu estrelado  
Ali estou sufocando  
Congeladamente fervo  
Escorro pelas palavras."

Iara, José Roberto, José Luis e Carlos.  
Poema criado a partir da obra *Inferno de Dante* (1989) do artista José Roberto Aguiar (São Paulo, 1941).





## Etec Alcídio de Souza Prado - OrLândia/SP

**Toda percepção é também pensamento, todo raciocínio é também intuição, toda a observação é também invenção.”**  
Rudolf Arnheim (Berlín, 1904 – Ann Arbor 2007).

Mais uma vez pudemos ter o prazer de receber, de forma continuada, um grupo de estudantes do Ensino Médio da Etec Prof. Alcídio de Souza Prado de OrLândia. Foram quatro encontros ao longo do ano, que nos proporcionaram diferentes vivências no IFF.

Uma parceria continuada traz consigo muitos desafios que, para serem superados, necessitam de um planejamento detalhado e que, mesmo assim, pode ser adaptado com o aparecimento de novas questões, no decorrer do tempo.

Cada visita foi pensada de forma individual, especificamente para o grupo, acompanhando as experiências das visitas anteriores e também as mudanças de exposições que ocorreram no IFF. Como são visitantes que passam a estar familiarizados com o Instituto, tentamos sempre incluir nas abordagens e exercícios de arte, as exposições temporárias. Por conta disso, foi possível perceber o IFF como um espaço que deve-se frequentar, e não apenas conhecer.

Isso fica nítido quando comparamos as primeiras visitas com as últimas. No período de um ano, com todas as mudanças que ocorrem em cada realidade particular, a arte, a partir de uma aproximação contínua, foi se tornando familiar para eles, auxiliando na construção de conceitos próprios, de ideias novas, e conseqüentemente de formação pessoal.

**Gil Neto**

“Para uma das visitas, decidimos desenvolver uma experiência inédita, procurando um olhar poético e novas formas de interação entre os estudantes e as obras de arte. Optamos por uma abordagem que envolvesse o uso da venda, explorando outros sentidos e logo em seguida surgiu a ideia de trabalhar com sons. Escolhemos as obras do artista Fabrício Lopez (Santos, 1977) na exposição **Corte estranho, impressão abjeta**, por possuírem um grande potencial narrativo. Aos poucos a discussão da equipe sobre o planejamento da visita foi sendo mediada, de modo que pudéssemos seguir por uma linha de pensamento que guiaria todo o processo. Exploramos diferentes referências teóricas que dariam embasamento à experiência e ao que seria conversado com eles no início e no final da visita, a fim de que percebessem os pontos importantes do exercício. A abordagem aconteceu da seguinte forma:

- Os estudantes foram divididos em 2 grupos, cada um acompanhado por dois arte-educadores;



- O Grupo 1 foi imediatamente conduzido à exposição **Corte estranho, impressão abjeta**, onde foi solicitado que eles escolhessem uma obra sobre a qual desenvolveriam uma pequena narrativa, que pudesse ser contada somente através de sons, sem o uso de palavras;
- Enquanto isso, o Grupo 2 ficou no piso térreo, onde conversamos sobre as percepções do corpo, a forma como nos relacionamos com o mundo e o quanto disso tem influência na formação do nosso conceito de realidade.
- Em seguida, todos os integrantes do Grupo 2 foram vendados antes de entrarem no espaço expositivo e então convidados a se juntar ao Grupo 1. Cada integrante de um grupo deveria escolher uma dupla no outro.
- Os estudantes vendados ouviram com atenção a narrativa sonora criada por sua dupla. Depois foi proposto à eles criar uma nova narrativa, baseada apenas nos sons apreendidos.
- O Grupo 1 passou para o piso térreo, onde conversaram, também, sobre as percepções do corpo.
- No final, comparamos as narrativas.

Os resultados foram muito satisfatórios. Tanto nas diferenças, quanto nas semelhanças.”

**Caroline Heldes e Gil Neto**

“Você nasce, um dia cresce e vira jovem, os tempos vão passando e você vai criando mais responsabilidade e chega na fase adulta. As dificuldades vão chegando, as rugas começando a aparecer os cabelos brancos também, até que chega um dia que seu coração para de bater.  
Fases da vida.”

Larissa.

Poema criado a partir da obra *A Concha eloquente do coração* (2013) do artista Fabrício Lopez (Santos, 1977).



“Tudo começa pequeno, coração pequeno, ossos pequenos, cérebro pequeno, o início, nasce o ser humano. (som de bebê)  
No meio, os corpos crescem, coração evoluindo, ossos evoluindo, cérebro desenvolvendo. Pensamentos confusos, sentimentos conflitantes, essa adolescência! (bufar, desdenhar, chorar, rir)  
Coração bate forte, dentro do peito, os ossos o protegem, coração desacelera, perde o ritmo, o coração para de bater, os ossos viram cinzas, os olhos se fecham, esse é o fim do ser humano. (som de coração parando, bipe de hospital).”

Hannah Júlia.

Poema criado a partir da obra *A Concha eloquente do coração* (2013) do artista Fabrício Lopez (Santos, 1977).

\*Descrição do Exercício - forma-se um círculo, em que cada um recebe um pequeno pedaço de papel onde deve escrever uma performance que gostaria que seu companheiro à direita realizasse, sem deixá-lo ver. Após todos terem escrito, "o feitiço vira contra o feiticeiro", ou seja, quem irá realizar a tarefa é a própria pessoa que a escreveu.



“Além de prosseguir com a parceria para atender os alunos da ETEC Prof. Alcídio de Souza Prado, recebemos também seus funcionários. Alguns deles nunca haviam entrado em uma exposição de arte. Para o ritual de “Bem-vindo” (acolhimento quando chegam ao IFF) escolhemos fazer o exercício “O feitiço virou contra o feiticeiro”\*, o que possibilitou com que eles se “soltassem” e ao mesmo tempo ficassem reflexivos.

O assunto da conversa inicial com os grupos delimitou-se à arte, para saber um pouco sobre o que pensavam sobre o assunto e como imaginavam que seria a visita a uma exposição. A maioria relatou que se sentia acanhado em ambientes expositivos, principalmente por sustentarem uma visão errônea de que exposições são feitas exclusivamente para quem entende de arte ou para artistas.

Foi gratificante ver que o contato que eles tiveram fez essa ideia esvanecer. Tivemos um dia de aprendizado e interatividade, ao longo do qual pudemos todos trocar ideias e ultrapassar barreiras.”

**Ingrid Ostan**

Trecho do depoimento de Fátima Aparecida de Almeida Cardoso, 56 anos, servidora na ETEC Prof. Alcídio de Souza Prado:



Cada quadro daqueles que eu pude ver, eu senti muita coisa, muita alegria. Senti em muitos quadros muita tristeza, mas foi muito lindo. Eu aprendi muito com aquilo ali. Sabe? Aquela vontade de chorar, aquela emoção de estar ali dentro que eu não conseguia explicar o que era. Poder aprender com aquelas pessoas que nos ensinou, não deixaram dúvida em nada. Eu pude perguntar, eu pude falar, eu pude brincar, eu pude me sentir livre ali dentro. Me sentir a vontade ali dentro. Às vezes eu me sentia até dentro da história do quadro, quadros que parceiras minhas falaram deles, que eu me emocionava delas falarem da pessoa que tava naquele momento pintando, sabe? O quadro que eu falei foi maravilhoso, eu me senti a que pintou aquele quadro, parece que eu que tinha pintado aquele quadro. Foi muito lindo, foi muito gostoso. Eu posso conversar com as pessoas e posso falar desse passeio e falar de todas as coisas que eu aprendi. Pra mim foi maravilhoso, só tenho que agradecer. Agradecer a forma como eles nos receberam, agradecer as pessoas que nos levaram, Mariana, a Luciana que fez parte dessa equipe. Muito obrigado, eu só tenho que agradecer. E se tiver novamente, eu vou sim.





## Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)

A parceria com a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto completou, em 2019, 4 anos, fechando o ciclo com a IX turma de formação psicanalítica. Juntos pudemos desenvolver um trabalho continuado muito significativo, em que pudemos estabelecer vínculos de amizade e aprendizado mútuos entre a equipe do Educativo e os membros da SBPRP participantes.

As visitas são sempre planejadas pelos arte-educadores e, esse ano, levamos em consideração o tema do XXVII Congresso de Psicanálise: *O Estranho* (1919), texto do médico neurologista e psiquiatra, criador da psicanálise, Sigmund Freud (Příbor, República Checa, 1856 - Londres, Inglaterra, 1939), sobre o qual nos debruçamos para criar relações com a arte contemporânea e, conseqüentemente, propor abordagens para despertar a sensibilidade, gerar espaços de diálogo e troca de experiências.

O caráter desafiador desta parceria faz com que os arte-educadores ampliem suas referências e inovem nas estratégias de mediação entre obra de arte e público. É comum que as abordagens criadas para o grupo de psicanalistas seja revisitada com outros grupos, sempre adequando as atividades para cada faixa etária. Dessa forma, podemos perceber como diferentes tipos de público reagem diante das mesmas questões.

**Caroline Heldes**



“O momento da divisão  
Um susto!  
Tornar-se outro,  
O que brota das entranhas  
Que me fita incrédulo,  
O que luta em vão  
Que quer matar-te  
O que busca sua mão  
Que me fala pouco  
O que não é são.

Se voltar o instante  
Vai retornar a união?  
Uma aura paira e me lembra a dor  
Da ilusão distante  
Éramos amantes?  
Não te conheço não.”

Denise.  
Poema criado a partir da obra *Inferno de Dante* (1989) do artista José Roberto Aguilar.



AGUILAR, José Roberto [Aguilar Vigyan]  
(São Paulo, 1941)  
*Inferno de Dante*, 1989  
acrílica sobre tela  
300 x 300 cm.



“Primeiramente gostaria de parabenizar todo o projeto do IFF que realiza por meio de seus excelentes arte-educadores essa parceria com diversas instituições. Promovendo e possibilitando esse contato com a arte e nos ajudando a ter maravilhosas e criativas experiências conosco mesmos e com o grupo. Agradeço imensamente essa oportunidade.

Espero em 2020 participar de muitas outras atividades.

Espero e torço para que vocês continuem com essa proposta. Desejo a todos muitas alegrias, fôlego e que em 2020 possamos ter muitos momentos de esperança para o desenvolvimento da vida. Vocês de forma bela têm realizado suas contribuições.

Largo abraço”

**Ana Lúcia dos Santos**

IX turma de Formação em Psicanálise do Instituto de Psicanálise da SBPRP.



# CONVERSAS sobre Arte

"Na medida que se apercebe como testemunha de sua história, sua consciência se faz reflexivamente mais responsável dessa história."  
Paulo Freire (Recife, 1921 - São Paulo, 1997).

A arte-educação não acompanha apenas a relação dos espectadores com obras de arte, ela coloca o arte-educador em contato com as diferentes percepções de cada um, experimentando as infinitas possibilidades interpretativas que cada obra apresenta em seus detalhes, tocando a subjetividade e desvelando nuances de seres humanos complexos em suas teias de referências. É preciso estarmos atentos às sutilezas dos gestos, abertos a compreender e participar das descobertas individuais e coletivas, que só o contato com a arte é capaz de despertar, muitas vezes ampliando nosso próprio conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos. Estamos no meio do caminho, por onde passa a poesia do encontro com a arte.

Aqui refletimos um pouco sobre nossas experiências, estratégias e missão. Seguimos com muita convicção sobre a importância e potência deste trabalho.

**Caroline Heldes**

O trabalho desse ano foi enriquecedor em experiências. A exposição **Abertura 1980** reúne obras diretamente dos anos 80, proporcionando o acesso a um “pedacinho” da história da arte contemporânea brasileira, e encantou estudantes e professores. Eles puderam, além de vivenciar esse período, também visualizar o caminho percorrido por alguns artistas durante sua trajetória até os dias atuais, pois na exposição encontram-se mais de uma obra do mesmo artista, feitas em épocas distintas.

### **Ingrid Ostan**

O trabalho como arte-educador em uma instituição como o IFF possui dupla responsabilidade: não só a atividade pragmática de conduzir visitas, mas também o desempenho da função introdutória ao espaço da arte. Tal afirmativa vem de uma observação pessoal: dentre crianças e adolescentes, grupos que representam a maior porcentagem do programa de visitas, poucos são aqueles que possuem experiências anteriores vividas em uma instituição dedicada à arte. Assim sendo, nosso trabalho se torna decisivo, pois poderá impactar na forma com que o público dessa faixa etária olha para o universo da arte e do fazer artístico. Essas preocupações refletem em nossas pesquisas e ofício a fim de despertar o interesse pela arte.

### **Juliano Bernardo**

#### *Porque?*

Por que vocês estão aqui? Por que estar aqui? Por que estudar arte? Por que essa obra? Por que esse material? Por que essa forma? Por que essa cor? Por que esse tema? Vocês acham mais fácil, perguntar ou responder? Ficam em dúvida.

Claro que, responder é mais difícil, principalmente diante de imagens desconhecidas, de formas estranhas,

enigmáticas. Pergunto o porquê de tudo e os incentivo a fazer o mesmo. No início pode parecer simples, mas é também uma forma de colocar os visitantes em contato com os próprios pensamentos e atitudes. Por que usamos sapatos? Não é trivial como se espera. Pensar sobre o que estamos vivendo em cada etapa da visita, sobre nós mesmos e nosso lugar no mundo, sobre a arte que nos rodeia em um lugar tão extraordinário. Sempre vai existir a possibilidade de um novo *por quê?*, à exaustão. Este é o início da interpretação de uma obra de arte, de um fato, da vida. As perguntas nos levam ao conhecimento. A curiosidade leva à descoberta.

### **Caroline Heldes**

Tive a oportunidade de discutir História no IFF no ano de 2019, conversar sobre sua importância, pensar sobre quem a faz e qual a nossa relação com ela. Me senti em uma posição de mais responsabilidade, por entender que refletir sobre essas questões é de extrema importância nos dias de hoje. O diálogo em torno do tema é a construção da própria História.

Pensar que esse debate aconteceu, ao longo do ano, dentro de um espaço de arte, onde a filosofia encontra a aplicação, onde ideias se materializam, é muito significativo. Se cultura significa "todo um modo de vida, material, intelectual e espiritual" (WILLIAMS, 2011), a partir das obras de arte podemos pensar sobre toda a forma de organização política e social de nosso tempo. A arte pode ser uma importante ferramenta na mediação entre os seres humanos e o mundo.

Procurei incentivar questionamentos, transmitir a curiosidade e, acima de tudo, a importância de se sentir consciente sobre como se vive. Foi um período repleto de experiências marcantes e transformadoras para mim.

### **Gil Neto**



---

## Bibliografia

ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2001.

ARNHEIM, Rudolf. Arte e Percepção visual. Uma Psicologia da Visão Criadora. Editora Cengage Learning, EUA, 1980.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais: a longa duração In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogerio F. da (org.) Nova História em perspectiva. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 86-121.

CAMUS, Albert; ROITMAN, Ari; WATCH, Paulina. O mito de Sísifo. Editora Record, Rio de Janeiro, 2018.

CESÁRIO, Wellington. Tunga: estrutura de uma poética. Editora Poiésis, Niterói, v. 19, n. 31, p. 195-212, jan./jun. 2018.

CORREIA, Patrícia L.; RRESENDE, José. José Resende. Editora Cosac & Naify, 2004.

ELIOT, T. S. Notas Para Uma Definição De Cultura. Editora Século XXI, Lisboa, 1996.

FONSECA, Eliane A. Corpo-de-sonho Arte e Psicanálise. Editora Annablume, São Paulo, 1ed., 1999.

FREIRE, Augusto C. Cem anos de inconsciente. Disponível em:< <http://www.comciencia.br/dossies-1-72/resenhas/sonhos.htm>>. Acesso em 24 de nov. 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2011.

FREUD, Sigmund. O estranho. Obras completas. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1919/1996.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. À guisa de introdução. O enigma. In: Introdução à Metapsicologia Freudiana, Volume 2: A interpretação do sonho. 8.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

JUNQUEIRA, Flávia, C. Representação sígnica nas artes: a evolução da utilização dos signos na produção artística. CASA Cadernos de Semiótica Aplicada, Juiz de Fora, 7(2), dez. 2009.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 4: A relação de objeto. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1995.



---

LAMPERT, Catherine; RJEILLE, Isabella; BRITO, Marta et al. Tunga: o corpo em obras. Editora MASP, São Paulo, 1ed. 2017.

LE GOFF, Jacques. A história deve ser dividida em pedaços? Editora Unesp, São Paulo, 2015.

LEIRNER, Sheila. Arte e seu tempo. Editora Perspectiva, São Paulo, 1990.

LEITE, Luciana. PECCININI, Daisy. Pintura: A volta da pintura nos anos 80. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo6/pintura.html>>. Acesso em: jun. 2019.

LURIA, Alexander; VYGOTSKY, Lev; LEONTIEV, Aleksei. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. Editora Ícone, jan. 2017.

MEDINA, F. Freud e a estética da estranheza. Revista Literartes, v. 1, n. 7, p. 285-297, 23 dez. 2017.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas (ONU). Declaração Universal dos Direitos Humanos, resolução 217 A III, art.27. Dez. de 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>> Acesso em: 15 de jun. 2019

WILLIAMS, Raymond. Cultura e sociedade: De Coleridge a Orwell. Editora Vozes, Petrópolis-RJ, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica? São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. Por que as comunicações e as artes estão convergindo? São Paulo, Editora Paulus, 2007.

SOUZA, Vanessa S.D.; HATA, Luli. Corpo, arte e alquimia: Contaminações nos trabalhos de Tunga. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, 9(Especial), p.1196–1205, jul./dez. 2012.

SOUZA. Jusamara. Arte no ensino fundamental. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais, Rio Grande do Sul, 2010.

TUNGA. BARROCO DE LIRIOS. Editora Cosac & Naify, São Paulo, 1ed., 1997.

VIGNA-MARU. Carolina. Símbolos e signos nas obras de arte. Revista Web Design, Rio de Janeiro, p. 96 – 97, 01 out. 2009.



---

**Equipe:**

**João Carlos de Figueiredo Ferraz**  
Presidente

**Alcebíades Junqueira**  
Diretor Administrativo

**Rejane Cintrão**  
Coordenação Geral

**Vivian Kawasima**  
Administrativo Financeiro

**Carlos Alexandre Silva Rodrigues**  
Gestão de Acervo

**Carlos Evangelista**  
Assistente de Manutenção

**Sandra Bisco**  
Agendamento

**Vera Barros**  
Coordenação do Educativo

**Caroline Heldes**

**Gil Neto**

**Ingrid Ostan**

**Pedro Toledo**

**Juliano Bernardo Pereira de Souza**  
Arte-educadores



---

## Conheça nossos parceiros

### **Ateliê Da Praça**

<https://www.ateliedapracarp.com.br/>

### **Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto - ADEVIRP**

<http://www.adevirp.com.br/>

### **Colégio Bento Benedini**

<http://www.bentobenedini.com.br/>

### **ETEC Prof. Alcídio de Souza Prado Orlândia/SP**

<http://home.etecalcidio.com.br/>

### **Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto USP - Terapia Ocupacional**

<http://www.hcrp.usp.br/sitehc/>

### **Oficina Literária Puntel**

<http://www.puntel.com.br/>

### **ONG Maria Alice Claret**

<http://www.ocsamc.org.br/>

### **Secretaria da Educação do Estado de São Paulo**

<http://www.educacao.sp.gov.br/>

### **Secretaria Municipal da Educação**

<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Home/Index/>

### **Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial SENAC**

<http://www.sp.senac.br/>

### **Serviço Social da Indústria SESI**

<https://ribeiraopreto.sesisp.org.br/>

### **Serviço Social do Comércio SESC**

<https://www.sescsp.org.br/>

### **Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto**

<http://www.sbprp.org.br/site/>



Venha visitar nossas exposições e participar da nossa programação.

A ENTRADA É GRATUITA  
Terça-feira a sábado, das 14h às 18h  
(16) 3623 2261

Rua Maestro Ignácio Stábile, 200  
Alto da Boa Vista, Ribeirão Preto/SP  
[www.iff.art.br](http://www.iff.art.br)

Patrocínio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DA  
CIDADANIA

